

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**PRÉ-ESCOLAR: NÍVEL DE ENSINO EM QUE A
ANIMAÇÃO EDUCATIVA PODE FUNCIONAR COMO
ESTRATÉGIA PRIVILEGIADA DE
DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DA
CRIANÇA**

Relatório Final de Estágio

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Bruna Nunes da Costa



VILA REAL, 2012

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**PRÉ-ESCOLAR: NÍVEL DE ENSINO EM QUE A
ANIMAÇÃO EDUCATIVA PODE FUNCIONAR COMO
ESTRATÉGIA PRIVILEGIADA DE
DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DA
CRIANÇA**

Relatório Final de Estágio

Bruna Nunes da Costa

Trabalho realizado sob orientação da

Professora Doutora Maria José dos Santos Cunha

Relatório Final, correspondente ao Estágio de natureza Profissional/Prática de Ensino supervisionado, elaborado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar, de acordo com o Decreto-Lei N° 74/2006 de 24 de Março e N° 43/2007 de 22 de Fevereiro.

VILA REAL, 2012

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria José Cunha, por ter aceitado o desafio e ter encontrado tempo e disponibilidade para me orientar na Dissertação de Mestrado.

A todos os meus amigos e colegas de curso, em especial as que me acompanharam este ano no mestrado, Sílvia Oliveira e Karina Machado.

Agradeço aos meus pais e irmã pelo apoio e por tornarem possível este momento.

Ao Luís Miguel, pelo carinho e companheirismo prestados em todos os momentos.

Por último, mas não menos importantes, a todos aqueles que me acompanharam, estando uns presentes e outros não, neste meu percurso académico.

.

Resumo

O Relatório Final da Prática Pedagógica que aqui apresentamos reflete o percurso de formação seguido, a atitude crítica e reflexiva em relação aos desafios, processos e desempenhos do quotidiano profissional experienciado. Corresponde este relatório a um estágio de natureza profissional/prática de ensino supervisionada, elaborado para a aquisição de grau de mestre em Ensino – Educação Pré-Escolar, conducente a habilitação profissional para a docência. Nele damos a conhecer toda a prática pedagógica que realizámos individualmente no período que mediou entre Outubro de 2011 a Abril/Maio de 2012, numa instituição de rede pública, Jardim de Infância de Ferreiros – Vila Real, com a supervisão da Educadora Luísa Queirós.

O grupo com que trabalhámos era constituído por 24 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, um grupo heterogéneo quanto à idade e sexo.

Iniciamos o relatório com uma introdução e caracterizamos posteriormente o contexto onde se realizou o estágio incluindo o meio envolvente onde a Instituição está inserida – sua organização e caracterização global dos espaços. Neste documento é revelado o período de observação e de responsabilização, a prática da Educadora cooperante e o modelo pedagógico seguido pela mesma. O corpo do trabalho descreve o desenvolvimento da atividade educativa, em apêndice apresentamos alguma documentação relativa ao período de estágio, tal como planificações e avaliações. Há ainda um capítulo referente à Animação no desenvolvimento pessoal e social da criança, onde são abordados conceitos da formação e desenvolvimento da criança a nível pessoal e social como forma de ela adquirir valores e atitudes.

Abstract

The Final Report of Educational Practice presented here reflects the educational path followed, critical and reflective attitude towards challenges, processes and performances of everyday life experienced professional. This report corresponds to a stage of a professional / teaching practice supervised, prepared to acquire a Master's degree in Education - Preschool Education, leading to professional qualification for teaching. In it we get to know all the pedagogical practice that we held individually in the time interval from October 2011 to April / May 2012, a public institution, Kindergarten Blacksmiths - Vila Real, under the supervision of educator Luisa Queirós.

The group we worked with was comprised of 23 children, aged 3 to 6 years, a heterogeneous group in terms of age and sex.

We begin with an introduction to the report and subsequently characterize the context in which it held the stage including the environment where the institution is inserted - your organization and

global characterization of the spaces. In this document it is revealed the observation period and accountability, the practice of cooperative educator and pedagogical model followed by the same. The body of work describes the development of the educational activity, in the appendix we present some documentation concerning the probationary period, such as lesson plans and assessments. There is even a chapter on Animation in personal and social development of the child, which addresses concepts of training and development of the child on a personal level and as a form of social values and attitudes acquire it.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
1. O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR.....	11
1.1. Modelos curriculares para a educação de infância.....	11
1.2. A prática educativa da educadora cooperante no âmbito dos modelos curriculares.....	14
1.3. A Lei-quadro da educação Pré-escolar e seus objetivos.....	16
1.4. As áreas de conteúdo da educação pré-escolar.....	18
2. ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO.....	25
2.1. Descrição do contexto de estágio (integração na Instituição, caraterização do meio, do jardim-de-infância e da sala de estágio).....	25
2.1.1 Integração na Instituição.....	25
2.1.2 Caraterização do meio onde se situa o Jardim de Infância de Ferreiros.....	26
2.1.3 Caraterização do jardim-de-infância.....	28
2.1.4 Caraterização da sala de estágio	31
2.2. A integração no contexto do estágio: a problemática da investigação/intervenção.....	41
2.3. Caraterização do grupo de estágio: diagnóstico de necessidades, motivações e expetativas.....	41
3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO.....	45
3.1. A responsabilidade da família no desenvolvimento pessoal e social das crianças.....	45
3.2. O papel do educador no desenvolvimento das crianças	46
3.3. A indisciplina em contexto educativo.....	47
3.4. O papel da animação educativa no desenvolvimento pessoal e social das crianças.....	48
4. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO.....	52
4.1. Os objetivos da intervenção.....	52
4.2. Recursos mobilizados e limitações do processo.....	52
5. DESCRIÇÃO, DISCUSSÃO E AVALIAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS REALIZADAS NO ÂMBITO DO ESTÁGIO.....	54
6. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS REALIZADAS	56
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
8. BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA.....	64
9. APÊNDICES.....	67

ÍNDICE DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Planificação e avaliação da semana (CD) de 27, 28 e 29 de Fevereiro de 2012

APÊNDICE 2 – Planificação e avaliação da semana (CD) de 26 e 27 de Março de 2012

APÊNDICE 3 – Planificação e avaliação da semana (CD) de 16, 17 e 18 de Abril de 2012

APÊNDICE 4 – Planificação e avaliação da semana (CD) de 8 e 16 de Maio de 2012

INTRODUÇÃO

O presente relatório é o resultado do trabalho realizado no estágio I e II no âmbito da unidade curricular Estágio I e II, do Mestrado de Educação Pré-Escolar.

No trabalho que agora apresentamos o tema “Pré – Escolar: Nível de Ensino em que a Animação educativa pode funcionar como estratégia privilegiada de Desenvolvimento Pessoal e Social da Criança”, procuramos fundamentar o trabalho desenvolvido através de uma diversidade de atividades direcionadas às crianças e que tinham como objetivo incentivá-las para a aprendizagem, tendo em vista desenvolver nelas um conjunto de atitudes na sua formação pessoal e social.

Para que este objetivo seja alcançado, na preparação para a docência, é claramente enaltecida a iniciação à prática de ensino supervisionada.

No presente trabalho, proporcionamos informação básica sobre os principais temas ligados à pedagogia infantil, dando ênfase, principalmente às teorias de aprendizagem, aos modelos de ensino, aos conceitos sobre a planificação, à avaliação, ao currículo, aos métodos e técnicas de ensino.

Formalmente, o conceito de pedagogia designa a ciência da educação das crianças e a técnica de ensinar. De uma forma geral, pedagogia é a reflexão sobre as teorias, os métodos e as técnicas de ensino para lhes apreciar o valor e lhes procurar a eficácia. A pedagogia visa melhorar os procedimentos e os meios com vista à obtenção de fins educacionais. Assim, no dia-a-dia das crianças, é necessário haver um apoio pedagógico que designa um conjunto de atividades de enriquecimento, tendo como vista ajudar o aluno a ultrapassar as dificuldades, ou seja, a melhorar os seus resultados escolares.

No relatório final de estágio, tentamos descrever a nossa prática pedagógica que decorreu, no ano letivo 2011/2012, numa instituição de rede pública, o Jardim de Infância de Ferreiros.

O estágio foi realizado individualmente no período que dista de outubro de 2011 a abril/maio de 2012.

O grupo, com que trabalhamos, era heterogéneo, constituído por 24 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, sendo 12 do sexo feminino e 12 do sexo masculino.

Relativamente às reuniões com a educadora, estas foram sempre efetuadas semanalmente, todas normalmente às quartas-feiras e depois do estágio.

Estenderemos, no presente relatório, todo o nosso desempenho ao longo do estágio, apoiados em obras de autores relevantes, bem como em documentação fornecida pela professora responsável pelo estágio e que fundamentará o mesmo.

Esta prática pedagógica foi acompanhada pelas aulas teóricas sob a administração da docente responsável.

O nosso período de responsabilização foi realizado individualmente e nele panificámos, avaliávamos e previmos o que se pretendia abordar.

Começamos por aportar o projeto curricular de grupo onde abordamos o meio envolvente, a instituição, fazendo notoriamente a caracterização do contexto com fundamentação teórica.

A importância do conhecimento do meio natural e humano em que o jardim-de-infância de Ferreiros se insere tem a ver com uma plena integração, participação e eventual intervenção por parte da criança e do adulto. Para isso, foi possível obter informações na Junta de Freguesia de Borbela e também através de educadora da instituição, para um melhor conhecimento acerca do meio, aproximando-nos, também, da comunidade escolar, conhecendo hábitos e costumes da localidade em questão.

Atendendo à organização interna da instituição, apresentamos os horários praticados e a constituição do corpo docente referente à sala onde foi implementado o projeto. De seguida, abordamos, de forma sucinta, uma perspetiva histórica sobre os modelos curriculares da educação pré-escolar, para assim se ter uma noção da sua evolução e características. Focamo-nos no modelo utilizado na sala de estágio, ou seja, o modelo curricular do MEM (Movimento da Escola Moderna). O esforço didático e organizador do docente assenta, no MEM, na convicção de que as aprendizagens se devem apoiar nos métodos desenvolvidos por cada área científica ou cultural ao longo das suas respetivas histórias. Assim, os educadores do MEM deslocaram a ação pedagógica para a comunicação assente em circuitos de informação e de trocas sistemáticas entre alunos, ou seja, permitiram a interação, (entre pares e com o professor), organizada para fins concretos da atividade educativa, ganhando, progressivamente, qualidade no desenvolvimento dos educandos. Abordamos ainda a constituição dos grupos de crianças integrando, de preferência, as várias idades para que se possa assegurar a heterogeneidade geracional e cultural, de forma a garantir o respeito pelas diferenças individuais no exercício da interajuda e colaboração. Ainda dentro deste conteúdo, falamos da atividade educativa no jardim-de-infância e sua organização. Falar da atividade educativa em jardim-de-infância pressupõe o conhecimento e a compreensão da lei nº 5/97, de 10 de Fevereiro, a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar e do importante documento *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. É fundamental considerar este documento por construir o quadro de referência para todos os intervenientes na atividade educativa pré-escolar.

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, estas constituem um conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com crianças. Não são um programa, pois adotam uma perspetiva mais centrada em indicações para o educador do que na previsão de aprendizagens a realizar pelas crianças.

Mas, nem só as orientações curriculares são importantes assim foi nossa intenção fazer uma abordagem teórica ao currículo e à sua gestão, enquanto base da prática educativa. O currículo justifica, em termos teóricos e científicos, as decisões tomadas pelo educador e permite a sua verificação no conforto com os resultados.

O período de observação e a organização/gestão do tempo e atividades são outros pontos a serem abordados ao longo deste relatório. O período de observação é de extrema importância visto que é o primeiro contacto com as crianças e instituição em questão e permite através da observação, perceber a relação entre os vários intervenientes e as crianças e adaptarmo-nos de forma adequada, o tempo de atividades de acordo com o observado. Ainda, ao longo deste ponto, enunciar-se-á o modelo pedagógico que mais se aproxima da prática educativa levada a cabo pela educadora cooperante, justificando a escolha com alguns instrumentos de trabalho utilizados e fundamentados com bibliografia de referência.

O projeto curricular de grupo contribui para a qualidade da educação pré-escolar, uma vez que este é uma prescrição de gestão curricular. Ele deve conter as especificidades do grupo, as características do contexto onde as crianças estão inseridas e, para além disto, deve ir ao encontro do projeto educativo da escola ou do agrupamento. Este projeto organiza-se e constrói-se de acordo com as orientações curriculares, adaptando as intervenções à realidade educativa.

O educador usará a planificação como um instrumento fundamental de apoio ao seu trabalho e um auxiliar na avaliação, que dispõe de múltiplas conceções de diferentes autores, ficando entendida como uma oportunidade formativa no expandir do planeamento.

A avaliação é um conceito que designa o processo de confronto entre as metas estabelecidas e os resultados obtidos, porque permite verificar o grau de consecução dos objetivos previamente estabelecidos. Ajuda também a detetar falhas e incorreções no processo de ensino e aprendizagem e facilita a distribuição dos resultados escolares dos alunos de acordo com uma escala previamente definida.

Num segundo momento, abordamos o papel da animação na formação pessoal e social. Ao longo deste item, teve-se em consideração o papel do educador/professor no desenvolvimento pessoal e social das crianças, referimo-nos assim ao papel a desempenhar pelo educador/professor para que os seus alunos confiem nele, o que implica estar atento às necessidades e interesses de cada aluno. Assim sendo, se o educador/professor conseguir criar um ambiente agradável e estratégias novas e ativas que consigam cativar os seus alunos está a contribuir para que surja uma nova sociedade onde a justiça, a solidariedade e o respeito são regra. Abordamos ainda o tema da indisciplina nas escolas, o que por vezes acontece devido a problemas de comportamento, familiares e delinquência. Abordaremos ainda o papel da animação no desenvolvimento pessoal e social das crianças ao nível dos valores e atitudes. E

finalmente fazermos o enquadramento metodológico do estágio e a avaliação das aprendizagens realizadas.

1. O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

O currículo na educação pré-escolar é entendido como aquilo que acontece quando a maioria das atividades passa pelas ações das crianças. Assim, não há planeamento prévio de atividades por parte do educador, o que acontece diariamente é fruto das escolhas das crianças. O currículo¹ centra-se na criança, cabendo ao educador a tarefa de lhe proporcionar um ambiente rico, estimulante e acolhedor, bem como a valorização da espontaneidade da criança. Assim sendo, em educação pré-escolar deve:

- Incluir todas as atividades planeadas ou não;
- Privilegiar o currículo oculto-situações que não se preveem mas que acontecem;
- Atribuir importância às relações sociais que as crianças estabelecem no contexto educativo.

Esta sequência organizada de tarefas ou propostas de tarefas de ensino-aprendizagem que é o currículo, acontece num determinado cenário, em torno de atividades, situações lúdicas ou experiências proporcionadas às crianças e engloba todas as situações com as quais a criança se confronta na escola, estejam previstas ou não.

1.1 MODELOS CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA

Tal como refere Oliveira Formosinho “o conceito de modelo pedagógico refere-se a um sistema educacional compreensivo que se caracteriza por culminar num quadro de valores, numa teoria e numa prática fundamentada.”

O modelo curricular tem diversos conceitos consoante os autores e as tradições teóricas pelas quais se conduz. Podemos assim dizer que o modelo curricular se caracteriza pela combinação entre a teoria e a prática.

No âmbito teórico, depreendem-se finalidades educacionais e seus objetivos. Na prática, aludem orientações sobre o contexto educativo a nível do ambiente físico: o espaço e materiais, a organização de rotinas, o trabalho e o jogo.

Sendo assim, torna-se difícil definir o conceito, pois cada autor tem o seu ponto de vista. Mas na perspetiva histórica este conceito foi-se desenvolvendo e transformando juntamente com as diferentes abordagens à educação de infância.

Existem muitos modelos históricos de educação de infância que diferem dos modelos atuais. A leste da França, por volta de 1767, surgiu a primeira escola para crianças, chamada a Escola de

¹ MEIRELES Coelho (1989); RIBEIRO (1990); BAIRRÃO E VASCONCELOS (1997) (Consultado a 20 de Julho de 2012). Disponível em: http://4pilares.zi-yu.com/?page_id=297

Tricô. Fundada pelo Pastor Jean Frederick Oberlin e sua esposa Madeleine Oberlin, que fazia tricô enquanto as crianças ficavam ao seu redor ouvindo as suas histórias e observando figuras da natureza que ela mostrava para as crianças atendidas a partir dos 2 anos de idade.

Depois foi criada em 1816 a Escola Infantil, na Escócia por Robert Owen, ele fundou escolas e uma creche para as famílias que trabalhavam no seu moinho. O objetivo desta escola era preparar as crianças para a nova sociedade que Owen preconizava.

Nesta escola, as crianças desenvolviam competências básicas de leitura, de escrita e de aritmética, do meio físico, trabalhos manuais, canto, dança e princípios morais práticos.

A escola de Owen foi considerada a reforma social mais ampla da época.

Em 1873, foi criado o Jardim de Infância, na Alemanha por Friedrich Froebel, para crianças entre 3 e 6 anos, ele usava os dons naturais das crianças.

Froebel estava convicto de que a escola devia estimular o desenvolvimento das crianças pequenas, pois ele considerava-as como flores num jardim, que floresciam e deviam ser tratadas. Ele concebeu diversos materiais para atividades como: bolas de lã e de madeira, cubos e cilindros, quadrados e círculos, tudo matérias para as mais diversas construções. Outras atividades, que as crianças desenvolviam, eram trabalhar com barro, recortar e dobrar papel, enfiar contas, desenhar, tecer e bordar.

No início do século XX foi criada a Escola Maternal por Margaret Macmillan que atendia crianças de 3 e 4 anos com objetivos de desenvolver nelas habilidades de cuidado com o corpo (almoços, banhos e exames médicos), animais e plantas.

Ainda no mesmo século, foi criada “A Casa Dei Bambini”, na Itália, por Maria Montessori, como ela era médica, trabalhou com crianças deficientes mentais e desenvolveu um programa educacional para crianças normais, dos bairros pobres de Roma, enfatizando a educação sensorial. Ela foi pioneira deste tipo de trabalho, que seguia a linha de anteriores filósofos e educadores como Pestalozzi, Froebel, Rousseau, Itard e Seguin. Como acreditava que as crianças se desenvolviam naturalmente, dava muita importância aos sentidos. Assim, Montessori desenvolveu inúmeros materiais e atividades para treinar os sentidos. Para além disto, o currículo para a primeira infância de Maria Montessori contemplava também a leitura e a escrita, o estudo da natureza, a jardinagem, a aritmética, a geografia e a prática de exercício da vida prática, como lavar-se, vestir-se, levantar a mesa, ou seja, atividades que ajudassem as crianças a desenvolver a sua autonomia.

No currículo de Montessori, as crianças tinham liberdade para selecionar o material com que queriam trabalhar, e podiam usá-lo tanto tempo quanto quisessem, desde que o fizessem da forma correta. Não aplicava qualquer sistema de recompensa ou castigos.

Em 1844, foi criada a 1ª creche, em Paris, com a finalidade de auxiliar as mães trabalhadoras, ensinando hábitos de higiene e combatendo a mortalidade infantil.

Em 1889, foi fundado o Instituto de Proteção e Assistência à Infância no Brasil, após a Proclamação da República.

No início do século XX as mães operárias tiveram que contar com a ajuda de mulheres que cuidavam de seus filhos em troca de dinheiro, as chamadas “criadeiras” ou “fazedoras de anjos”.

Em 1945 surgiu o método Reggio Emilia um modelo pedagógico que nasceu depois da segunda Guerra Mundial, no norte de Itália, em Villa Cella, pela necessidade de se construir uma escola para as crianças pequenas, após a destruição de todas as existentes, durante a guerra. Nesta missão participaram as famílias, principalmente as mães das crianças.

Na educação e formação das crianças participam os pais, a comunidade, a sociedade em geral o professor/educador tem um papel ativo no apoio educativo.

Em 1961 foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024/61) que aponta a criação dos Jardins-de-Infância, dando início então, para a educação infantil evoluir.

Em 1990 houve a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Em 1996 foi aprovada a nova Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/96) que declara a educação infantil como etapa inicial da educação básica, incluindo crianças pobres que antes eram vinculadas a órgãos de assistência social.

Stanley Hall foi pioneiro nos Estados Unidos no estudo do desenvolvimento da criança e da psicologia educacional. Influenciado pela teoria da evolução de Darwin, o psicólogo procurou analisar o desenvolvimento da criança (ontogénese), a partir do desenvolvimento da espécie (filogénese), a fim de compreender o comportamento hereditário, mas a subjetividade desses estudos, tornaram a sua validação impossível. Nas suas investigações, debruçou-se também sobre os problemas da criança e do adolescente em três aspetos: conflitos com os pais, perturbações de humores e comportamentos de risco.

Também autores como Piaget e Skinner influenciaram os currículos para a primeira infância., contudo em Portugal os modelos mais usados são o MEM (Movimento das Escolas Modernas), João de Deus e o High-Scope.

O MEM foi criado nos anos 60 e é um modelo construtivista e segue as tendências de Freinet. O primeiro Jardim-de-infância João de Deus em Portugal surgiu em 1911 e foi criado em Coimbra. A metodologia usada é sólida e consistente e assenta na Cartilha Maternal (1876) para a iniciação precoce da leitura e da escrita. Valoriza-se uma arquitetura funcional e atraente de características nacionais e regionais.

Existem diversos materiais para as atividades programadas em cada dia: para a educação sensorial, preceptiva, motora e física, materiais para os trabalhos manuais e atividades plásticas,

materiais de apoio para a aprendizagem da matemática como o Cuisinaire, Blocos lógicos. Tangran, Calculador multibásico, Dons de Froebel. Para os mais pequenos existem materiais para imitar; para aprender a viver e integrar-se no meio social; a Loja, a Casa das bonecas e os Jogos de trânsito. É um modelo centrado na preparação académica da criança e a educadora tem um papel ativo e diretivo.

O High-Scope, começou a ser estruturado nos anos 70 e segue as tendências de Piaget, é um modelo cognitivista e construtivista. Algumas das suas características são, rotina diária estruturada (pouco flexível no início do ano letivo); a aprendizagem ativa e experiências chave; a rotina diária com o ciclo: planear – fazer – rever; a organização do espaço e materiais.

1.2. A PRÁTICA EDUCATIVA DA EDUCADORA COOPERANTE NO ÂMBITO DOS MODELOS CURRICULARES

Um modelo curricular é no dizer de Oliveira Formosinho “um referencial teórico para conceptualizar a criança e o seu processo educativo e um referencial prático para pensar antes da ação, na ação e sobre a ação”, que segundo a opinião do mesmo autor “cria uma estrutura conceptual e prática, um contexto de experiência e comunicação com a experiência, da ação e sua reflexão (...) envolve uma forma de pensar a formação, ao longo do ciclo de vida, dos profissionais que optam por trabalhar nesse modelo”(Oliveira Formosinho, 2007:109).

No Jardim de Infância de Ferreiros o modelo adotado pela educadora era o Movimento das Escolas Modernas (MEM). Este modelo segundo Niza (2007:125) “ (...) assenta num Projeto Democrático de autoformação cooperada de docentes, que transfere, por analogia, essa estrutura de procedimentos para um modelo de cooperação educativa nas escolas”. Um dos fatores que contribuiu para que nos apercebermos deste modelo era o facto de a sala estar dividida em espaços (biblioteca, construções, escrita, jogos, plástica, faz de conta, computador, experiências).

A biblioteca dispunha de um canto da manta com várias almofadas no chão, onde as crianças poderiam consultar livros, trabalhos produzidos no jardim.

No espaço das construções tinham um tapete de plástico com uma cidade lá desenhada com diversos trajetos, onde por vezes as crianças brincavam com os carrinhos. Também se encontram lá peças de legos de plástico e madeira que servem para as crianças fazerem as suas diversas e criativas construções.

A escrita era realizada na mesa de atividades, tal como os exercícios de matemática e também alguns jogos que eram feitos em cima da mesa. Neste espaço tínhamos marcadores, lápis de pau e de cera e folhas brancas e com exercícios.

No espaço dos jogos encontravam-se como era normal, diversos jogos, de todas as áreas, desde o lúdico à matemática e ao português. Normalmente estes jogos eram realizados na manta do acolhimento, à exceção dos jogos com peças mais pequenas ou de enfiamento que tinham que ser realizados na mesa de atividades.

O espaço de plástica integrava os dispositivos para a pintura, desenho, modelagem, recorte e colagem.

No espaço faz de conta as crianças dispunham de uma arca e um armário que guarda roupas e adereços que as ajudam a compor as suas personagens para atividades de “faz de conta” e projetos de representação dramática. Neste espaço temos também a cozinha, com os devidos instrumentos, desde fogão, lava-loiça, alimentos, tabuas de passar, etc. neste mesmo espaço encontra-se também o quadro preto com o giz e o apagador.

No espaço do computador era constituído por um computador e uma impressora, as crianças normalmente iam para este espaço para jogarem jogos didáticos em CD, reproduzirem escrita e fazerem desenhos nos programas próprios.

O laboratório de ciências proporcionava as atividades observação de animais (aves, peixes, etc.), roteiros de experiências em ficheiros ilustrados e à resolução de problemas no âmbito da iniciação científica.

Temos ainda o espaço da manta que era onde se realizava o acolhimento, a reunião de grande grupo e também algumas das atividades já mencionadas.

Podemos também constatar que as paredes se encontravam revestidas de trabalhos realizados pelas crianças conforme o tema que estivéssemos a abordar.

Na porta de entrada da sala há um mapa de registo de presenças, os seus objetivos passam por registar a assiduidade das crianças e também, porque tal como refere Niza (2007:135)“(…) ajuda[r] a construir a consciência do tempo a partir das vivências e dos ritmos”. Temos também expostos nas paredes diversos mapas, quadro semanal de distribuição de tarefas de manutenção da sala e de apoio às rotinas, Diário de Grupo, Mapa do Tempo, Mapa das Atividades entre outros.

Praticando este modelo curricular, é indispensável referir que é essencial permitir, às crianças, o tempo lúdico da atividade explorando as suas próprias ideias, dos materiais e até mesmo da proposta de projetos feita pelas crianças.

Estes aspetos foram verificados na nossa sala de estágio, mas para além disso achamos que é fundamental, em qualquer sala, e independentemente do modelo seguido pelas educadoras, que se promova o sucesso na aprendizagens das crianças, quer a nível social, quer a nível cognitivo.

1.3. A LEI-QUADRO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E SEUS OBJETIVOS

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, Lei n.º 5/97, de 10 de Fevereiro, consagra na sequência dos princípios definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo, o ordenamento jurídico da educação pré-escolar.

A educação pré-escolar é a primeira etapa no processo da educação para ao longo da vida, onde neste processo a família tem uma participação muito importante, onde deve estabelecer a cooperação, inserção na sociedade como um ser autónomo, livre e solidário. Destina-se a crianças com idade compreendida entre os 3 e a idade necessária para ingressar no ensino básico.

A frequência do Jardim-de-Infância é optativa, cabendo à família decidir pela educação dos filhos, contudo o Estado, tal como refere o artigo 3º, da presente lei, tem que “contribuir ativamente para a universalização da oferta da educação pré-escolar”.

Os estabelecimentos de educação pré-escolar são instituições que prestam serviços vocacionados para o desenvolvimento da criança, proporcionando-lhe atividades educativas, e de apoio à família (pais e encarregados de educação), que em relação à educação pré-escolar devem:

- “- Participar, através de representantes eleitos ou de associações representativas;
- Desenvolver uma relação de cooperação com os agentes educativos numa perspetiva formativa;
- Dar parecer sobre o horário de funcionamento do estabelecimento;
- Participar, voluntariamente, sob a orientação da direção pedagógica da instituição, em atividades educativas de animação e de atendimento.”

Ao Estado a quem incumbe apoiar as iniciativas da sociedade no domínio da educação pré-escolar, nomeadamente dos estabelecimentos de ensino particular e cooperativo; das instituições particulares de solidariedade sócia e de outras instituições sem fins lucrativos que prossigam atividades nos domínios da Educação e do ensino, cabe por sua vez:

- “- Criar uma rede pública de Jardins-de-Infância de acordo com as necessidades;
- Apoiar a criação de estabelecimentos de educação pré-escolar opor outras entidades da sociedade civil, na medida que a oferta disponível seja escassa;
- Definir as normas gerais da educação pré-escolar, nomeadamente nos seus aspetos organizativo, pedagógico e técnico, e assegurar o seu efetivo cumprimento e aplicação, designadamente através do acompanhamento, da avaliação e da fiscalização;
- Prestar apoio às zonas carenciadas.

- Definir as orientações gerais a que deve subordinar-se a educação pré-escolar, nomeadamente nos seus aspetos pedagógico e técnico, competindo-lhe;
- Definir regras para o enquadramento da atividade dos estabelecimentos de educação pré-escolar;
- Definir objetivos e linhas de orientação curricular;
- Definir os requisitos habilitacionais do pessoal que presta serviço nos estabelecimentos de educação pré-escolar;
- Definir e assegurar a formação do pessoal;
- Apoiar atividades de animação pedagógica;
- Definir regras de avaliação da qualidade dos serviços;
- Realizar as atividades de fiscalização e inspeção.”

As redes de educação pré-escolar são constituídas por uma rede pública e uma rede privada, complementares entre si, visando a oferta universal e a boa gestão dos recursos públicos.

Os objetivos da educação pré-escolar, segundo o o Artº 10º, são:

- “- Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania;
- Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;
- Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e coletiva;
- Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;

- Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.”

Cada estabelecimento de educação pré-escolar dispõe, de entre outros órgãos, de uma direção pedagógica assegurada por quem detenha as habilitações legalmente exigíveis para o efeito. Nos estabelecimentos de educação pré-escolar da rede pública, a direção pedagógica será eleita entre os educadores. O horário de funcionamento do estabelecimento de ensino é aprovado pelo Ministério da Educação, sob consulta da direção pedagógica, pais e encarregados de educação. Devem assim os estabelecimentos adotar um horário adequado para o desenvolvimento das atividades pedagógicas. Deve ainda ter em conta e adequar-se à possibilidade de neles serem servidas refeições às crianças.

A componente educativa da educação pré-escolar é gratuita. As restantes componentes da educação pré-escolar são comparticipadas pelo Estado de acordo com as condições socioeconómicas das famílias, com o objetivo de promover a igualdade de oportunidades, em termos a regulamentar pelo Governo.

Aos educadores de infância em exercício de funções nos estabelecimentos de educação pré-escolar da dependência direta da Administração Central, das Regiões Autónomas e das autarquias locais aplica-se o Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensino Básico e Secundário. Aos educadores de infância que exerçam funções na rede privada devem ser, proporcionadas idênticas condições de exercício e de valorização profissionais.

De acordo com a Lei o Estado, através do Ministério da Educação, incentivará programas de formação e animação e o apoio a atividades e projetos no respetivo estabelecimento de educação pré-escolar e definirá ainda critérios de avaliação da qualidade dos serviços prestados em todas as modalidades de educação pré-escolar.

O controlo do funcionamento pedagógico e técnicos dos estabelecimentos cabe à Inspeção-Geral da Educação.

1.4. AS ÁREAS DE CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Segundo o Ministério da Educação (1997a: 47), “consideram-se ‘áreas de conteúdo’ como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber-fazer.” As áreas de conteúdo devem ser tidas em conta no planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas.

As áreas de conteúdo no Pré-Escolar dividem-se em três, nomeadamente: a área de formação pessoal e social, a área do conhecimento do mundo e a área da expressão e comunicação.

Formação pessoal e social

Esta é a base que vai contribuir para toda a estrutura curricular do ensino básico e secundário, “corresponde a um processo que deverá favorecer, de acordo com as fases do desenvolvimento, a aquisição de espírito crítico e a interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos” (Ministério da Educação, 1997a:51)

A área da formação pessoal e social insere-se nas restantes áreas, “é considerada uma área transversal” (Ministério da Educação, 1997a: 51) visto que todas elas trabalham para o desenvolvimento das atitudes e valores que permitam futuramente serem cidadãos responsáveis, autónomos e capazes de responder a possíveis problemas que se depararem.

A importância dada a esta área recai na construção da personalidade de cada criança, pois é através da interação com o mundo que a rodeia, que ela vai construindo a sua personalidade, é na interação com os outros que ela vai distinguir o certo do errado, os seus direitos e deveres.

O desenvolvimento pessoal e social inicia-se no meio familiar, quando a criança chega ao jardim-de-infância ela vai deparar-se com mais crianças e adultos, interagir com valores e culturas diferentes.

Quando a criança atinge um certo grau de independência, ela já consegue fazer autonomamente tarefas do quotidiano (vestir / despir batas, lavar as mãos, comer e utilizando adequadamente os talheres), e também ser capaz de utilizar os materiais e instrumentos à sua disposição (jogos, tintas, pincéis, lápis).

A criança ao adquirir independência começa também a apropriar-se do espaço e do tempo o que vai constituir uma sucessiva autonomia, o que faz com que a criança aprenda a escolher, tomar decisões e a encontrar critérios e razões para as suas escolhas e decisões.

O contacto com a natureza, com o ambiente da sala e a elaboração de desenhos vão contribuir para a educação estética, ou seja, a criança vai apreciar a beleza dos diferentes elementos.

Contudo a Formação Pessoal e Social é vista como área de conteúdo integradora pois, corresponde a uma intencionalidade própria e interage com todas as outras.

Área da Expressão e Comunicação

Esta área abrange aprendizagens referidas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que estabelecem a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem.

Esta é uma área que se distingue em vários domínios e o educador deve favorecer o contacto com várias formas de expressão e comunicação, proporcionando o prazer de realizar novas experiências, valorizando as descobertas das crianças, apoiando a reflexão sobre estas

experiências e descobertas, de modo a permitir uma apropriação dos diferentes meios de expressão e comunicação.

Numa área em que as crianças ainda se servem muitas vezes do imaginário para superar lacunas de compreensão do real, importa que a educação pré-escolar proporcione situações de distinção entre o real e o imaginário e forneça suportes que permitam desenvolver a imaginação criadora como procura e descoberta de soluções e exploração de diferentes ‘mundos’. (Ministério da Educação, 1997b: 56).

Esta área compreende três domínios, nomeadamente: Domínio da Compreensão Oral e Escrita, Domínio da Matemática e o Domínio das expressões: motora, dramática, plástica e musical.

Neste domínio distinguem-se, a expressão motora, dramática, plástica e a musical. Elas têm a sua própria especificidade, mas não são totalmente independentes, pois, complementam-se mutuamente.

No que diz respeito à **expressão motora**, a criança quando chega ao jardim-de-infância já traz as noções básicas como: andar, manipulação de objetos, entre outras. O educador deve prever situações ou atividades que promovam a motricidade fina e global “de modo a permitir que todas e cada uma aprenda a utilizar e a dominar melhor o seu corpo” (Ministério da Educação, 1997a: 58).

As várias atividades realizadas neste domínio ajudam a criança na procura das variadas funcionalidades e limitações do seu corpo – trepar, correr, deslizar, baloiçar, rodopiar, saltar de pé juntos ou num só pé – podem dar lugar a situações de aprendizagem em que há um controlo voluntário desse movimento – iniciar, parar, seguir vários ritmos e várias direções. Assim como a interiorização do esquema corporal, relacionando o espaço (esquerda direita, baixo e alto).

A expressão motora é ligada à dança e expressão musical, nas atividades que requerem movimentos acompanhados com a música. É importante a realização de jogos de expressão motora requerendo a regras específicas, predominando a socialização, aceitação de regras e desenvolvimento da linguagem, o que a liga também à Formação Pessoal e Social.

O desenvolvimento da motricidade fina insere-se no dia-a-dia do jardim de infância, pois é lá que as crianças aprendem a manipular os objetos. Surgem ocasiões em que as crianças possam receber e projetar objetos, utilizando os pés e as mãos.

Relativamente à **expressão dramática** é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(s) outro(s). No jardim-de- infância a expressão dramática predomina nos momentos em que se realiza o jogo simbólico. Neste jogo as crianças em pequeno ou grande grupo dramatizam histórias existentes ou criadas, imaginam personagens,

reproduzem situações vividas utilizando o “faz de conta”, enriquecendo-as com material existente na sala, adaptando às situações.

A realização de dramatizações, compostas por uma sequência de ações, como é o caso da dramatização de histórias existente ou inventadas pelas próprias crianças requerem a orientação do educador, estas situações representam o desenvolvimento da criatividade, imaginação e da linguagem.

A expressão dramática também é trabalhada quando realizam as dramatizações a partir de fantoche, o que vai permitir um desenvolvimento da expressão e a comunicação, tal como, momentos de criação de histórias ou diálogos.

A **expressão plástica** tem como base a motricidade fina, recorrendo a diferentes matérias e instrumentos específicos quando comparado com expressão motora.

A realização das atividades de plástica parte da iniciativa da criança, ela desenha/ilustra espontaneamente imagens, personagens ou situações vividas do quotidiano. Também é considerado um meio de comunicação entre as crianças e o educador. Nestas representações as crianças exprimem-se de acordo com o seu estado emocional, isto é, do que gostam e do que não gostam. “O desenho, pintura, digitinta bem como a rasgagem, recorte e colagem são técnicas de expressão plástica (...).” (Ministério da Educação, 1997a: 61).

Na sala de atividades é importante a existência de material diversificado, não só material de pintura e desenho, mas também de expressão tridimensional (modelagem, escultura), de modo, a que a criança explore diferentes formas deste domínio. “Os contactos com a pintura, a escultura, etc. Constituem momentos privilegiados de acesso à arte e à cultura (...)” (Ministério da Educação, 1997a: 63), momentos esses, que enriquecem o conhecimento do mundo e o sentido estético.

À **expressão musical** cabe a abordagem de sons e ritmos produzidos espontaneamente pela própria criança. A Educação Pré-Escolar tem o papel de ajudá-la a identificá-los tendo como base as diferentes características dos sons, “intensidade (fortes e fracos), altura (graves e agudos), timbre (modo de produção), duração (sons longos, curtos)” (Ministério da Educação, 1997a: 64). Esta expressão na Educação Pré-Escolar baseia-se em cinco pilares fundamentais, tais como: “escutar, cantar, dançar, tocar e criar” (Ministério da Educação, 1997a: 64). Existem, inúmeras atividades que se podem realizar com as crianças ao nível deste domínio, mas a maior parte dos educadores limitam-se a cantar algumas canções em conjunto para colmatar momentos mortos que ocorrem no jardim-de-infância. O educador pode criar momentos mais relevantes no

quotidiano, podendo guardar uma área específica no seu espaço da sala, com material referente a esta área.

O **domínio da linguagem oral e abordagem à escrita** têm vindo a progredir na Educação Pré-Escolar, até há pouco tempo. Estas eram iniciadas apenas quando as crianças chegavam ao 1º ciclo do ensino básico, atualmente é indiscutivelmente necessária a abordagem das mesmas na Educação Pré-Escolar.

As crianças quando chegam ao jardim-de-infância trazem algumas noções do código da escrita, pelo que o educador deverá perceber qual o grau de bagagem que trazem para poder tirar o máximo de proveito e, assim permitir-lhes o contacto com as diferentes funções do código escrito.

Cabe ao educador criar momentos de comunicação, tendo em atenção o modo como utiliza a linguagem pois aquele servirá de modelo para as crianças.

Cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como recetores. (Ministério da Educação, 1997b: 66)

O desenvolvimento da linguagem oral cultiva-se com o interesse de comunicar, o que pressupõe ter-se coisas interessantes para dizer e, por vezes há crianças que não querem dialogar ou não têm nada para dizer, o papel do educador é criar situações que as motivem para o diálogo. À medida que a criança vai participando nos diálogos ela vai, entre outras, aumentando o poder de argumentação, do vocabulário e construindo frases mais completas.

Desde os 3 anos de idade que as crianças distinguem a linguagem escrita de um desenho. Mais tarde tentam desenhar as letras e copiam os formatos dos textos. O desenho é uma forma de escrita, a partir da elaboração do seu desenho, as suas imagens substituem palavras, ela conta uma história como se tivesse a ler um texto escrito. Quando o Educador escreve o que a criança diz, esta começa a reconhecer que o que se diz pode-se escrever. As estratégias que o Educador cria quando lê para as crianças, são importantes para que elas reconheçam os diferentes tipos de leitura, para que serve e como se deve ler. É extremamente importante que a Educação Pré-Escolar lhe proporcione o contacto com bibliotecas, comece a saber pegar num livro, esfolheá-lo, contar histórias a partir da leitura das imagens, é um modo de incentivá-la para a leitura e reconhecer/valorizar a importância de preservar o livro.

Relativamente ao **domínio da matemática**, no dia-a-dia do jardim – de - infância, as crianças vão construindo noções matemáticas a partir de diversas situações do quotidiano. É papel do educador retirar dessas situações uma estruturação dessas aprendizagens matemáticas.

Cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento logico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas. (Ministério da Educação, 1997b: 73)

As construções de noções matemáticas conseguem-se através do que existe na sala, nela encontramos diferentes tipos e formatos de material. Num contacto direto e prolongado com os materiais a criança começa a identificar e a classificar. Dentro do classificar a criança pode formar conjuntos, seriar e ordenar os objetos, chegam também ao conceito de número e encontram formatos e padrões nos diversos objetos. A partir de variadíssimo material, o educador pode criar situações para abordar todos estes elementos matemáticos.

A noção do tempo constrói-se através da sucessão do dia e da rotina diária. No decorrer do dia a criança toma consciência do que se passou e do que ainda está para vir (antes e depois). A posição na sala das restantes áreas ajudam-na a localizar-se no espaço.

A atividade de medida também encontra espaço no dia-a-dia do jardim-de- infância, designadamente quando comparam as alturas dos colegas e as medições do espaço através de fitas, pau ou corda. Por outro lado, também podem ser introduzidas as medidas de capacidade através de água e copos graduados, partindo da unidade principal, um copo.

As situações de resolução de problemas devem ser criadas pelo Educador, de modo a que sejam as próprias crianças a debaterem a questão e chegar à resolução. “Importa que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções (...)” (Ministério da Educação, 1997b: 78), contudo é necessário reconhecer que é favorável que a criança realize uma atividade de descoberta e imaginativa, não só no domínio da linguagem, desenho, música e das expressões, mas também no saber matemático.

Área de Conhecimento do Mundo

Esta área trabalha a curiosidade que rodeia o pensamento da criança, as suas dúvidas acerca do mundo que a rodeia. A Educação Pré-Escolar é responsável por alargar essas curiosidades, criar novas situações para complementar o que a criança já sabe e, também descobrir e explorar novos conceitos do mundo, por isso, tal como nas outras áreas é importante ter em conta as ideias que as crianças têm acerca de um determinado assunto para o poder complementar ou até mesmo mudar uma ideia errada.

O conhecimento do mundo reflete-se no Estudo do Meio, lecionado no 1º CEB (1º ciclo do ensino básico), mas também em vários temas pertencentes ao conhecimento humano como é o caso da história, a sociologia, a geografia, a física, a química e a biologia.

Esta área mobiliza e enriquece os diferentes domínios de Expressão e Comunicação, principalmente, a plástica, a linguagem oral e a matemática. Implica também o desenvolvimento de atitudes de relação com os outros, de cuidados consigo próprio, de respeito pelo ambiente e pela cultura que também se relacionam com a Área de Formação Pessoal e Social.

No que se refere aos saberes sociais, foi possível verificar que algumas crianças conhecem o seu nome completo e o nome da rua onde vivem, bem como a sua idade. Por sua vez, algumas crianças conseguem dar uma caracterização do meio que as rodeia, conhecendo o nome de algumas árvores, animais entre outras coisas.

Todas as áreas de conteúdo constituem diferentes formas de conhecimento do mundo.

Contudo, neste domínio o fundamental será a abordagem de qualquer problema/tema e os vários aspetos que se irão ligar com os processos de aprendizagem, tais como: a capacidade de observar, o desejo de experimentar, a curiosidade do saber, a atitude crítica.

2. ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO

Neste capítulo, designado por enquadramento contextual de estágio, analisamos o meio envolvente; a instituição na qual se desenvolveu a nossa prática de estágio, a sua organização interna, os horários e normas que nela se praticam, a vigilância das crianças, a saúde e a higiene, a caracterização do edifício, a organização e gestão do espaço e materiais e a caracterização global do grupo de crianças.

2.1. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO (INTEGRAÇÃO NA INSTITUIÇÃO, CARATERIZAÇÃO DO MEIO, DO JARDIM-DE-INFÂNCIA E DA SALA DE ESTÁGIO)

Sempre pensamos o estágio como um culminar de um processo de aprendizagem que nos dá a conhecer a validade da nossa preparação anterior. Não são de admirar os receios que inicialmente se apoderaram de nós, mas que com o decurso do mesmo, com perseverança, trabalho e organização se foram dissipando.

A nossa integração e postura no contexto de estágio foi movida pela curiosidade e questionamento. A primeira fase dessa integração exigiu que conhecêssemos as instalações do Jardim-de-infância, a recolha de documentação sobre a sua dinâmica e funcionamento, contato com os diferentes elementos, observação pesquisa bibliográfica. Procedemos de seguida ao diagnóstico de necessidades das crianças do grupo com que trabalhamos. Para esse efeito recorremos a conversas informais com a educadora cooperante, com as próprias crianças e à observação direta não participante. Pudemos assim aperceber-nos das suas necessidades.

A implementação das atividades selecionadas, em função do diagnóstico das necessidades das crianças, foi a fase que se seguiu. No final e através da observação direta participante, de conversas informais, registo das atividades, registos foto-videográficos, lista de verificações, dossiers, reuniões semanais com a educadora e reuniões com as crianças pudemos proceder à avaliação dos conhecimentos adquiridos.

2.1.1 INTEGRAÇÃO NA INSTITUIÇÃO

O estágio é um processo que vai possibilitar aos aprendizes o conhecimento prático das funções profissionais, e possibilita aos estudantes um contacto empírico com as matérias teóricas que lhes são passadas em sala de aula. Trata-se do entendimento, hoje consolidado pelos educadores, de que a teoria, sem a prática, é incompleta.

A nossa integração no contexto de estágio teve início no ano letivo 2011/2012, no primeiro semestre de estudos. Iniciamos o estágio a 10 de Outubro de 2011. O jardim onde ficámos foi no

Jardim de Infância de Ferreiros na sala n-º1. O grupo de crianças era heterogéneo a nível de sexo e idade, constituído por 24 crianças.

2.1.2 CARATERIZAÇÃO DO MEIO ONDE SE SITUA O JARDIM DE INFÂNCIA DE FERREIROS ²

O Jardim de Infância de Ferreiros localiza-se na cidade de Vila Real na freguesia de Borbela. Assim, para que haja um bom conhecimento do meio que envolve esta instituição, torna-se importante referir as suas principais características, bem como os principais recursos de que dispõe, de modo a que também se possam compreender mais profundamente as características e necessidades do grupo de crianças com o qual trabalhamos

O documento mais antigo que se refere a esta freguesia, datado em 1086, pertence à Sé de Braga. Em 1154, quando D. Afonso Henriques doou uma propriedade na “villa Borvella” ao monge bracarense D. Mem Peres. A carta de foral foi dada em 1205 por D. Afonso II, o mesmo monarca que, um ano antes, concedeu foral à povoação de Ferreiros, assim denominada por existirem muitos ferreiros no local.

A localização de Borbela, nos lados da serra, de onde se desfrutam magníficas panorâmicas, valeu-lhe a alcunha de “varanda do Alvão”. Situada a 4,9 km de Vila Real, Borbela coteja a nascente com o rio Corgo numa extensão de 1 km. O rio Cabril afluente do Corgo, atravessa a freguesia e a Ribeira do Pontão de Outeiro.

Borbela que ocupa uma área de 11,9km², com uma população 2646 habitantes é constituída pelas seguintes povoações, Ferreiros, Flores, Outeiro, Relva, Cravelas de Baixo, Cravelas de Cima, Carreira de Tiro/Queiró, Coelhal, Bairro da Carvalha, Bairro Norad/Fraga de Almotolia, Courelas/Prado e Borralha.

Pela proximidade a Vila Real, é uma freguesia considerada um arredor da mesma. Daí, as atividades económicas serem muito diversificadas. Mesmo assim, a agricultura não deixa de ter um papel importante para o concelho. Assim, o cultivo de milho, de feijão, de batatas e de centeio vai garantindo de forma eficiente a sobrevivência de parte da sua população ativa.

Como património edificado da freguesia, a ponte romana de Pescais, que atravessa o rio Corgo, atesta por um lado o mais remoto passado da freguesia e por outro o seu presente turístico muito rico. Aliás, o Património natural de Borbela, é descrito por uma publicação concelhia desta forma:

² Estabelecemos contactos com a Junta de Freguesia de Borbela, obtendo alguma informação com a colaboração do Sr. Presidente da Junta e funcionaria.
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Borbela>, consultado em Junho de 2012

A parte montanhosa da freguesia com os seus caminhos pedregosos é recomendável para aqueles que amam a montanha. De Cravelas desfruta-se de um vasto horizonte em que a beleza rude e bravia das montanhas, assim como Outeiro e Relvas nos dão a impressão de um mar ciclópico que se estivesse estagnado perante a própria violência da Natureza. Se subirmos ao alto da serra, essa impressão aumenta, o horizonte dilata-se e a vista perde-se nessa vastidão que parece não ter fim.

No aspeto turístico, Borbela tem lindas paisagens, quer na serra do Alvão, como no alto da Maila, no Picoto da Relva e nas margens do rio Corgo, onde há vestígios de antigos moinhos.

Na aldeia de Ferreiros, existe o Calvário, formado por catorze cruzeiros onde o povo, na quadra litúrgica da Quaresma, vai rezar as estações da Via-Sacra. Num largo, vê-se o monumento em honra de Santa Maior.

A população de Borbela vive da agricultura, pecuária, serralharia, carpintaria, vitivinicultura, fabricação de bagaço e aguardente, construção civil, comércio e exportação de madeira e de resina. O bacalhau, o cabrito, o leitão assado, a feijoada à transmontana, o cozido à portuguesa, os caldos de castanhas e de papas representam a gastronomia local.

A principal festa da freguesia é em honra da Padroeira, Santa Maria Maior, que se realiza no primeiro domingo de Agosto. Nas coletividades destacam-se: Associação Cultural e Desportiva de Borbela; Grupo Cultural e Desportivo de Ferreiros; Grupo Desportivo e Cultural das Flores; Grupo Cultural e Desportivo de Fraga. Até 1965 em Borbela houve uma tocata composta por 35 elementos, tocando instrumentos de corda e sopro. Teve uma certa importância, mas com a imigração desfez-se. Parte desses elementos estão inseridos no rancho folclórico da freguesia: “Associação Cultural Etnográfica”, “Rancho Etnográfico de Borbela” e o “Rancho Folclórico e Recreativo de Borbela”.

Com base em documentos fornecidos pelo próprio Presidente da Junta passemos a uma breve caracterização da vida local:

Ensino: Existem três Jardins de Infância (Borbela, Ferreiros e Bairro Norad). Existem escolas do primeiro ciclo do Ensino Básico em Borbela, Ferreiros, Outeiro, Relva e Bairro Norad; totalizando dez salas de aula.

Associações: Na freguesia existem diversas associações: Rancho Folclórico e Recreativo de Borbela, Associação Cultural Etnográfica; Rancho Etnográfico de Borbela; Grupo Desportivo e Cultural das Flores; Grupo Cultural e Desportivo da Fraga; Grupo Desportivo e Cultural dos Ferreiros; Malta do Zé da Pêra/ Zés Pereiras e Tuna de Borbela.

Atividades Económicas: No que concerne ao sector terciário, o mais desenvolvido nesta zona, representa 58%, no ano de 1991. Os produtos comercializados são: as castanhas, os laticínios, o

centeio, o milho-alvo, o milho, algum trigo, vinho, azeite, linho e feijão. A pecuária (bovino, ovino e caprino) tem alguma importância. Existem várias oficinas de reparação de veículos de duas rodas, de automóveis ligeiros, uma transportadora de materiais de construção; existem lojas de materiais de construção, de equipamento informático; há duas carpintarias, uma adega e uma empresa de floricultura. O comércio alimentar está representado por vários minimercados, cafés (treze) e restaurantes (seis).

Equipamentos: Na área da freguesia existem certos equipamentos estruturais que servem a cidade de Vila Real e algumas das suas freguesias: O DEI – Departamento de Equipamento e Infraestruturas – da Câmara Municipal de Vila Real; a Estação de Tratamento de Água que abastece Vila Real.

Arqueologia: Existe as Sepulturas Antropomórficas (Prado); Serpentina de Ferreiros; Via Romana de Vila Real a Mirandela.

Monumentos: Podemos encontrar a Igreja Matriz com o orago da Nossa Senhora da Assunção/Santa Maria Maior; Capelas: S. Vicente, Santa Bárbara, Nossa Senhora do Rosário, Santo Ovídio, Senhor da Boa Sentença; Cruzeiros e outros monumentos: Senhor da Cruz – Borbela, Cruzeiro da Borralha, Cruzeiro de Ferreiros, Padrão da Independência, Monumento a Santa Maria Maior, Ponte de Piscais e o Calvário.

Usos e Costumes: As lides do linho, o ciclo do pão e o teatro.

2.1.3 CARACTERIZAÇÃO DO JARDIM-DE-INFÂNCIA

O Jardim de Infância de Ferreiros pertence à rede pública de escolas. Por sua vez, este Jardim insere-se num Agrupamento vertical de escola, mais concretamente o Agrupamento Vertical de Escolas Diogo Cão, que de acordo com o Decreto – Lei 75/2008 de 22 de Abril, secção II. Artigo 6º, se define como “ uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por estabelecimentos de educação pré – escolar e escolas de um ou mais níveis e ciclos de ensino (...)”

O Agrupamento Vertical de Escolas de Diogo Cão foi sancionado em 26 de Junho de 2003 e é constituído por uma escola do 2º e 3º ciclos, vinte e cinco escolas do 1º ciclo e vinte e três Jardins-de-Infância, nos quais se inclui o de Ferreiros, instituição pública que se situa no mesmo edifício da escola EB1do Prado.

O edifício principal era constituído por rés-do-chão e 1º andar. No rés-do-chão, encontrávamos um pequeno hall com os cabides onde as crianças colocavam os seus casacos/batas, no respetivo cabide, como forma de identificação, tem o nome da criança e um desenho feito pela mesma e funcionava ainda como espaço de receção dos pais/avós/tios quando iam buscar as criança. Este lugar, por ser o lugar onde se entra era o primeiro a ser visto por quem vinha de fora, daí que necessite de ser tal como sugerem Bassedas, Huguet e Solé (1999:108), “um espaço agradável, onde se tenha a sensação de ser bem recebido; um lugar em que se possa ficar por um momento conversando agradavelmente com uma mãe, com uma educadora, olhar os murais ou as fotografias expostas e informar-se do que está acontecendo na escola”. Neste mesmo piso, existiam duas salas, uma do 1º ciclo e a outra do pré-escolar. Junto à porta de entrada da sala do pré-escolar, encontrava-se um placar com os horários do pessoal docente e não docente, e até avisos para os pais. Podemos ainda encontrar neste piso as casas de banho das crianças, divididas para meninos e meninas, com 3 boxes cada e um lavatório para lavar as mãos. Existia também uma pequena cozinha.

No primeiro piso, encontravam-se as duas salas do 1º ciclo e um gabinete destinado às Educadoras e aos Professores; este gabinete era muito pequeno, pois dispunha apenas de duas secretárias, uma delas continha um computador e telefone.

Algumas destas áreas eram partilhadas com a escola básica do Prado, nomeadamente as casas de banho, o recreio e o refeitório, que se situava na antiga escola de Ferreiros e tinha acesso através de um portão do recreio, o que possibilitava às crianças não terem necessidade de sair da escola nem de irem para a estrada. É no refeitório que as crianças ficam na hora do almoço e no prolongamento.

Do grupo de pessoal fazem parte 1 educadora de Infância, 2 Assistentes Operacionais e 2 Animadoras (Assistentes Operacionais).

Os horários do corpo docente e não docente desta instituição são:

1 – Educadoras de Infância:

Período da manhã – das 9h às 12h

Período da tarde – das 14h às 16h.

2 – Assistente Operacional:

Período da manhã – das 8h45 às 12h15

Período da tarde – das 13h45 às 17h15

3 – Animadoras Socioculturais:

Período da manhã – 12h às 14h

Período da tarde – 16h às 18h

O Projeto curricular de grupo a desenvolver no jardim de Infância relacionado com o projeto educativo do Agrupamento Diogo Cão era “Excelência + Cidadania +”³, e com ele se pretende que a escola desenvolva uma melhoria no desempenho ambiental e de estimulação do hábito de participação e adoção de comportamentos sustentáveis no quotidiano.

ESPAÇO EXTERIOR

No dizer de Bassedas, Huguet e Sole (1999:109),

O pátio é um ambiente em que os meninos e as meninas têm contacto com a natureza e com os elementos do meio físico e natural a cada dia.

Todos sabem que as crianças têm e demonstram necessidade de contacto com o ar livre e com os espaços exteriores. É um ambiente no qual se aprende a relacionar-se com crianças e educadores de outros grupos, a conviver e a defender-se das invasões ou das agressões dos maiores.

Também no exterior deste edifício, existiam três tipos de recreios que são partilhados entre o pré-escolar e o 1º ciclo. Dois dos três recreios continham uma grande área: o maior recreio fica na parte de cima da escola, com acesso através das escadas ou de uma rampa de terra. O piso era de terra batida e dispunha de um campo muito comprido onde as crianças jogavam à bola, e realizavam os mais diversos tipos de jogos; o outro recreio também de terra batida servia para as crianças correrem à volta do edifício e fazerem os seus pequeninos jogos, tais como rodas, apanha, escondidinhas, macaca, etc.; o terceiro é um parque de grilha com baloiços, escorrega e uma casinha e tem ainda um túnel, mais utilizado pelos meninos do 1º ciclo.

A escola não tinha nenhum espaço grande nem coberto para as crianças brincarem nos dias de chuva. Por isso, nesses dias, se não estiver muito frio, as crianças do pré-escolar brincavam numa das entradas de acesso ao edifício que apesar de ser um espaço bastante pequeno estava coberto e impedia que tivessem de permanecer todo o dia na sala de atividades.

O edifício usufruía de saneamento básico, esgotos e ainda de água potável. O seu estado de conservação era bom, pois tinha tido obras recentemente onde o aumentaram com mais um piso. O refeitório e a sala de prolongamento funcionavam no edifício onde os alunos do 1º ciclo tinham aulas.

³ Projeto Educativo Agrupamento 2009 (<http://www.diogocao.edu.pt/index.php/2011-11-02-00-35-16/2011-11-02-00-58-01> , consultado em Agosto de 2012)

Ainda no espaço exterior do edifício, existia uma horta e um pomar. Era um espaço em terra, utilizado pelas crianças. Cada sala tinha o seu espaço, onde semeava ficando responsável por tratá-lo seja na horta ou no pomar.

Existia uma coelheira e um compostor. Por vezes as crianças apanhavam folhas secas no recreio e com a ajuda de uma das assistentes operacionais colocavam-nas dentro do compostor para depois se utilizar na horta e no pomar, como fertilizante e como condicionador do solo.

Torna-se ainda importante mencionar que o portão de acesso à rua ou seja da entrada principal do estabelecimento tinha sistema de segurança com campainha e ecrã de visualização.

2.1.4 CARATERIZAÇÃO DA SALA DE ESTÁGIO

ESPAÇO INTERIOR

No interior do edifício, mais especificamente na sala do pré-escolar, a “organização do espaço”, da sala de atividades reflete tal como defende Lobo (1998: 19) “os valores e fundamentos pedagógicos do educador, a sua conceção de criança, a sua conceção de aprendizagem, a sua conceção de intervenção, baseada na realidade local, nos usos, nos costumes, nas tradições”. A sala é ampla, acolhedora, limpa, arejada e com muita luz, quer natural, através das janelas, quer artificial. Aliás, Bassedas, Huguet e Solé, são de opinião que “é muito importante que a escola disponha de luz natural nos ambientes e de janelas baixas, por meio das quais as crianças podem ver e ampliar as suas experiências (1999: 108).

No jardim – de – infância e como forma de respeitar as necessidades das crianças “as salas são geralmente organizadas de forma a permitir às crianças a escolha de diferentes tipos de atividades” (Cardona, 1992: 9). Ao organizar ou decorar os espaços, é preciso colocarmo-nos no lugar das crianças e tentar valorizá-lo com “olhos e medidas de crianças” (Bassedas, Huguet & Sole, 1999:107-108). Por outro lado, a educadora deve ambicionar que a sala de atividades esteja organizada por áreas e enriquecida com material didático que facilite o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, seja em grupo ou individualmente. Do que foi dito se depreende ser o arranjo espacial de fundamental importância, até porque como salienta Carvalho e Rubiano (2001:76-77) “podemos organizá-lo através de espaços semiabertos, proporcionando às crianças e ao educador uma fácil visão de todo o espaço disponível bem como o favorecimento das interações sociais”.

O pavimento da sala em análise era de fácil manutenção higiénica e estava em boas condições. Estava dividida em vários espaços educativos que no dizer de Zabalza (1998: 232) se refere “ao espaço físico, ou seja, aos locais para a atividade caracterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração”.

Espaços que compunham a sala de atividades:

- Biblioteca;
- Mesa de atividades (realização de alguns jogos, desenhos e algumas atividades propostas);
- Construções;
- Computador;
- Manta (acolhimento, reunião de grande grupo e realização de alguns jogos, visualização de filmes);
- Casinha (quarto, cozinha e disfarces);
- Expressão plástica (contem uma mesa para a plasticina e outros trabalhos de expressão plástica e um cavalete para as pinturas);
- Área das Ciências;
- Jogos.

E porque tal como salienta Niza (2007) “o ambiente da sala deve resultar agradável e altamente estimulante, utilizando as paredes como expositores permanentes das produções das crianças onde rotativamente se revêm nas suas obras de desenho, pintura, tapeçaria e texto”, a organização do espaço na sala deverá respeitar as diferentes necessidades das crianças e estar de acordo com a realização das diversas atividades que lhes são propostas. Assim sendo, a “organização da sala, das estantes, dos armários e dos cantinhos deve possibilitar a utilização progressiva da autonomia e favorecer que a criança possa fazê-la sozinha (Bassedas, Huguet & Sole, 1999:110). No caso presente as paredes da sala eram brancas e nelas podíamos encontrar vários placares (onde se colocavam os trabalhos das crianças e os registos de todo o trabalho que era desenvolvido com elas).

- **BIBLIOTECA**

A biblioteca, pequeno centro de documentação, que segundo Niza (2007:132) dispõe para além de livros e revistas, de trabalhos produzidos no âmbito das atividades e projetos das crianças que frequentam atualmente o Jardim – de – Infância ou de outras crianças que já o frequentaram, é uma fonte de documentos que serve de apoio a grande parte dos projetos a realizar. Esta área continha dois armários com vários livros de histórias infantis, científicos, informativos, dicionários. Neste espaço existiam várias almofadas no chão que serviam de apoio à biblioteca, ou seja, quando as crianças optavam por ir para esse espaço, podiam sentar-se ou deitar-se sobre as almofadas e assim ver os livros mais confortavelmente. Também tínhamos

uma mesa pequena redonda nesse espaço que serve, maioritariamente das vezes, para colocar o leitor-gravador, para quando a educadora pretendia por música.

Esse espaço ficava no meio da sala, mais propriamente na manta onde se fazia o acolhimento e a reunião de grande grupo.

- **MESA DE ATIVIDADES**

Este espaço era constituído por várias mesas retangulares, por duas de meia-lua e as respetivas cadeiras. Era utilizada sempre que alguma criança queira fazer algum desenho, o que acontecia praticamente todas as manhãs, alguns jogos, fios de missangas e por vezes até mesmo para recorte e colagem, uma vez que a mesa de plástica está quase sempre ocupada com outros trabalhos. No armário, perto da mesa de plástica, podíamos encontrar tesouras, colas, revistas, entre outros materiais. Aqui as crianças podiam trabalhar bastante a motricidade fina, nomeadamente com as tesouras, uma vez que nesta idade ainda existe bastante dificuldade no seu manuseamento, visto que esta mesa era grande e tinha condições, também era utilizada para o lanche do recreio, visto que não existia na escola nenhum espaço destinado para tal.

- **CONSTRUÇÕES**

Neste espaço podíamos encontrar:

- Um tapete colorido com a forma de uma cidade, que continha estradas e casas, podendo assim as crianças com os carrinhos fazer os trajetos;
- Vários tipos de legos;
- Carro de variados tamanhos e uma pista de construção em madeira, junto ao tapete tinha lá um armário com vários jogos;
- Tubos de plástico para a construção de várias formas, conforme a imaginação das crianças;
- Encontrava-se lá uma casinha feita de cartão, tinha sido feita por uma professora que tinha lá estado o ano passado. E era a casinha da Roamer, que era um aparelho robotizado. Mas já não se encontrava em utilização este ano letivo. Acabando as crianças por utilizar como garagem para colocar os carros.

Este espaço era fundamental para as crianças, para desenvolverem a motricidade fina, porque brincam jogando e aprendendo, ao mesmo tempo que desenvolvem a sua imaginação e criatividade.

Outra das vantagens deste espaço era a possibilidade de as crianças brincarem em grupo e partilharem e conservarem os materiais, aprendendo assim a trocar objetos e a não estragarem pois não é só deles também é para as outras crianças brincarem.

Neste espaço, de acordo com as regras definidas pela educadora, só podiam estar um certo número de crianças, por volta de três a quatro, pois quando estavam mais crianças, e como era um espaço muito pequeno as brincadeiras deixavam de ser aprendizagens, e começavam a espalhar as peças todas, acabando as próprias crianças por tropeçarem e pisando as próprias peças até por vezes parti-las.

- **COMPUTADOR**

Nesta área tínhamos um computador, que era utilizado tanto pelas crianças como pelos adultos. O computador estava ligado à Internet, por isso as crianças tinham acesso à mesma tanto para fazer pesquisa como para jogar Online. Havia ainda a existência de jogos educativos adquiridos pela educadora.

- **MANTA**

Era frequentado pelo grande grupo. Aqui fazia-se o acolhimento, a avaliação de alguns instrumentos da sala, realizavam-se as reuniões de grande grupo, escreviam-se os papéis para colocar no “Diário de Grupo”, planificava-se o que se ia trabalhar durante a semana, contavam-se as novidades, contavam-se histórias, cantavam-se músicas, em resumo, era onde se propunham todas as atividades orientadas, depois a realização era conforme a atividade e onde desse mais jeito trabalhar. Também utilizávamos a manta para a visualização de filmes ou vídeos, visto que na nossa sala dispúnhamos do material, projetor multimédia, tela grande, televisão com ligação ao vídeo ou DVDs. Sempre que era necessário ligarmos a televisão ou o computador ao projetor e assim projetarmos na tela grande.

- **CASINHA**

Este espaço era o mais procurado pelas meninas ou pelas crianças mais novas (3 anos), era onde estas podiam representar vivências do seu dia-a-dia. Era um espaço constituído por cozinha, quarto e disfarces. Tinham lá um armário e um baú cheio de roupas, sapatos e carteiras. É que tal como refere Niza (2007:132),

O canto dos brinquedos inclui outras atividades de “faz de conta” e jogos tradicionais de sala. É neste espaço que as crianças dispõem de uma arca que guarda roupas e adereços que ajudam a compor as suas personagens para atividade de “faz de conta” e projetos de representação. Por vezes, integra uma tradicional casa de bonecas.

O quarto continha uma cama com roupa de cama, uma mesinha de cabeceira, uma cómoda, um armário e um baú com roupa, bonecos, peluches, um espelho de corpo inteiro, cortinas, um quadro negro e uma tábua de passar a ferro com o respetivo ferro.

A cozinha tinha uma mesa com toalha e uma fruteira com quatro cadeiras, um fogão, uma banca e uma máquina de lavar a louça. Tinham ainda um armário ao lado da banca que possuía lá louça, pratos, talheres, panelas, formas, balanças, saleiro e açucareiro e um cestinho.

No baú, no armário e na cómoda tinha lá muitos tipos e géneros de roupa, tanto feminina como masculina. Tinham sapatos, carteiras, lenços, camisas, vestidos, mantas, túnicas. As crianças ao vestirem estas roupas estavam a encarnar uma personagem, por vezes as situações vividas em casa ou mesmo na escola. Porque além da roupa também usavam diálogos. Algumas vezes as crianças punham as quatro cadeiras, duas a frente e duas atrás e faziam de conta que estavam num carro, e utilizavam objetos da cozinha parecidos com o volante para fazer de conta. Utilizavam assim a sua imaginação e criatividade

• EXPRESSÃO PLÁSTICA

Neste espaço as crianças necessitavam da ajuda da educadora, assistente operacional ou estagiária, para fazer as tintas e para afixar as folhas no placar, pois para fazê-lo era necessário o uso de bostik e as crianças não conseguiam alcançar, pois era muito alto. O atelier de atividades plásticas e outras expressões artísticas devia integrar na opinião de Niza (2007:132) os dispositivos para a pintura, desenho, modelagem e tapeçaria”

No espaço da pintura podíamos então encontrar:

- Vários copos para as várias cores e um pincel para cada copo;
- O placar, onde eram colocadas as folhas em branco para que, as crianças pudessem fazer a sua pintura, de seguida o desenho ficava lá ate secar. Mais tarde os desenhos eram colocados na parte debaixo do cavalete para depois cada criança com a ajuda de um adulto arrumar os seus desenhos na sua respetiva pasta;

O espaço da pintura era propício ao desenvolvimento da coordenação visual-motora, da motricidade fina, do ritmo, as experiências tácteis e visuais sobre os efeitos produzidos pela mistura das cores. Contribuía ainda para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação infantil.

- **ÁREA DAS CIÊNCIAS**

Era uma área menos frequentada pelas crianças, pois elas só podiam ver sozinhas as pedras e folhas. Na visualização de células ao microscópio necessitavam da lente binocular, que não se encontrava exposta, para não se partir. O mesmo acontecia com as lupas.

Neste mesmo móvel podíamos ainda encontrar plantas, pedras, vários tipos de folhas, sementes, um espelho, uma pele de cobra, conchas da praia, uma abóbora, um microscópio, globo do planeta Terra, abelhas estudadas pelas crianças, várias coisas da natureza que as crianças apanham quando vão nos passeios à mata, pinhas, bolotas. Tinha ainda os animais de estimação da sala dentro dos aquários, que eram dois peixinhos e a tartaruga Juju.

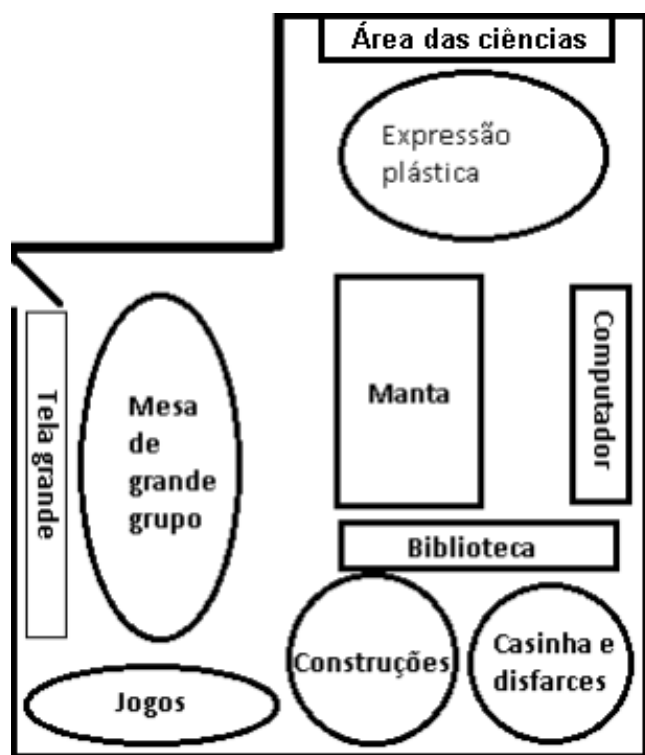
Junto à bancada das ciências tínhamos uma banca com torneira onde as crianças podiam fazer a sua higiene pessoal, sempre que vinham do intervalo, da casa de banho ou antes das refeições. Ao lado tinham um corredor com o copo de cada criança marcado com o seu respetivo nome, talheres e louça. Em frente a banca tinham um espelho redondo e de rosto. Por cima da banca tinham uma prateleira onde se encontram o estojo de primeiros socorros.

- **JOGOS**

Este espaço era constituído por dois armários, e tanto um, como o outro, tinham jogos para serem feitos na mesa como na manta. Os jogos estavam identificados pelas idades, áreas, tanto de matemática como de português, tais como os jogos lúdicos dos de aprendizagem. Para essa distinção a assistente operacional do prolongamento, utilizou umas etiquetas de diversas cores e assim cada jogo está marcado e na sua respetiva prateleira. A parte de cima do armário era ocupada por jogos de madeira, alguns puzzles e outros materiais didáticos (lógica, enfiamento...)

As crianças frequentavam bastante esse espaço, uma vez que lhes oferecia uma grande diversidade de jogos provocando-lhes um maior interesse.

- **PLANTA DA SALA COM OS ESPAÇOS**



ESPAÇOS VERTICAIS

- **PAREDES E TETO**

As paredes e o teto encontravam-se bastante preenchidos com os trabalhos realizados pelas crianças, por vezes até era necessário retirar os trabalhos mais antigos para podermos colocar os mais recentes. Estes espaços encontravam-se preenchidos com:

- Desenhos feitos pelas crianças, que se encontravam afixados nas paredes;
- Mobiles pendurados no teto, também com trabalhos realizados pelas crianças;
- Diversos placares.

Nas paredes encontravam-se diversos placares onde se afixavam os variados tipos de trabalho. Existia um placar com os trabalhos sobre os ouriços-cacheiros, que era o projeto da turma, a reutilização de materiais e para a área da pintura.

Existia mais um placar onde se colocavam os desenhos livres.

A sala era bastante acolhedora, bem organizada. Por vezes, era necessário mais espaço, por causa da quantidade de trabalhos realizados pelas crianças.

- **DIÁRIO DE GRUPO**

O diário de grupo, era um instrumento de trabalho que servia para gerir a planificação semanal do que se iria concretizar durante essa mesma semana.

Este diário era constituído por quatro colunas: “Acho Bem”, “Acho Mal”, “Queremos Fazer” e “Fizemos”. Nele as crianças diziam o que achavam bem, e o que achavam mal sobre as atividades propostas ou feitas e sobre as novidades surgidas no dia-a-dia. Durante a reunião de grande grupo enquanto estávamos a fazer a planificação se surgisse alguma ideia colocávamo-la no queremos fazer e depois das propostas executadas iam para a coluna do fizemos. Faziam parte ainda do diário de grupo as flores do comportamento. Por cima do diário de grupo tínhamos três flores, cada uma com a sua respetiva cor, “Portei-me bem” a cor verde, “portei-me assim-assim” de cor amarela e o “Portei-me mal” a cor vermelha. Assim de acordo com o comportamento de cada criança era assinalado no diário de grupo, para além de também se colocar a fotografia da criança na flor.

A avaliação do diário era feita às sextas e como tal era uma tarefa semanal desempenhada por uma criança que tinha essa responsabilidade de ler o diário para os restantes colegas.

O diário de grupo era um instrumento de trabalho que permitia orientar o trabalho escolar e a sua qualidade e era também uma estratégia de avaliação para o grupo.

- **MAPA DE PRESENÇAS**

Tal como o próprio nome indica este mapa destinava-se ao registo da assiduidade das crianças. Cada aluno, todos os dias de manhã, com o auxílio de um adulto, após vestir a bata, ia marcar a presença de acordo com o código estipulado, (uma bolinha azul). Caso faltasse alguma criança, na parte da tarde a educadora colocava uma bolinha vermelha.

No fim de cada mês, o grande grupo procedia à avaliação do respetivo mapa. A educadora pegava na folha afixada atrás da porta e colocava-a na manta e avaliava cada criança com o grupo todo. Analisando quantos dias tiveram de escola durante aquele mês, quantas faltas tinham e quantas presenças. Esta era uma boa maneira de também aprenderem matemática e de exercitarem o cérebro ao fazerem o cálculo mental.

- **QUADRO DE ANIVERSÁRIOS**

Este quadro contém os meses, cada um deles com uma flor, que representa cada mês do ano, depois dentro de cada pétala tem a fotografia da respetiva criança com a sua data de nascimento. Através deste quadro, as crianças iam interiorizando os meses todos do ano e iam também trabalhando um pouco a matemática.

O quadro dos aniversários situava-se numa das paredes, proporcionando uma boa visibilidade a quem entrava na sala de aula, pois este estava de lado da porta de entrada por cima dos cabides.

- **MAPA DO TEMPO**

Este mapa era constituído pelos dias da semana, que estavam representados cada um com a sua cor, e pelos estados de tempo, onde a criança responsável pelo mapa durante a semana tinha de todos os dias colocar o cartão correspondente. No mapa podíamos encontrar os seguintes cartões, sol, sol com nuvens, vento, chover, trovoada e neve.

No fim de cada mês as crianças viam qual dos cartões com o respetivo tempo que prevalecia e o que teve menos dias ou nenhum. Depois era dada a cada criança uma folha com uma tabela com os respetivos estados de tempo e as crianças, mais uma vez a utilizando a matemática, contam os dias do respetivo tempo e marcam pintando os quadrados.

- **OS NOSSOS NOMES**

No mapa do tempo existia uma coluna com várias divisões, em cada uma delas estava o nome de uma criança em letras maiúsculas. Assim de cada vez que uma criança queria escrever o seu nome para identificar um trabalho ou pra treinar a escrita não precisava que nenhum adulto lhe estivesse a dizer as letras. Ia buscar ao placar e copiava as letras, o que ajudava a tornar as crianças mais autónomas.

- **CALENDÁRIO**

O calendário da sala, era feito de materiais recicláveis, em cartão de cereais preso por argolas. Continha todos os dias da semana, os dias do mês, todos os meses do ano e o respetivo ano. Cada criança era responsável pela tarefa semanal de mudar o dia da semana. Com este calendário mais uma vez utilizávamos a matemática neste caso, na aprendizagem das cores. Cada dia da semana estava representado por uma cor. A segunda-feira era amarelo, terça-feira era vermelho, quarta-feira era roxo, quinta-feira era cor de laranja, sexta-feira era a cor verde e o sábado e domingo eram cor-de-rosa. Assim, ainda que as crianças não soubessem logo em que dia da semana estávamos, diziam a cor do dia da semana e depois assim através de semelhanças chegavam ao correspondente dia.

- **QUADRO DE TAREFAS**

Este quadro designava as atividades de manutenção da sala de aula e algumas funções desempenhadas pelos alunos. Pressupunha que todos sabiam o que era preciso fazer e que cada um se responsabilizava por uma tarefa, individualmente.

Um dos objetivos deste quadro, para além de despertar a responsabilidade na criança, era uma forma de evitar conflitos no grupo. Isto porque, com as tarefas divididas, cada um sabia o que tinha de fazer. Não havia necessidade do alvoroço que surgia quando eram todas as crianças a oferecerem-se.

Este quadro era avaliado todas as sextas-feiras com a educadora, com o grande grupo sentado na manta, avaliavam-se as tarefas uma a uma e as crianças iam dizendo se as cumpriram ou não. E assim colocava-se um retângulo verde no cumprimento da tarefa e um retângulo vermelho no não cumprimento. Aplica-se durante um mês, até se começar o quadro de novo no mês seguinte.

- **AGENDA SEMANAL**

A agenda semanal, tinha sido elaborada pela educadora juntamente com as crianças, assim sendo, as tarefas diárias já estavam escolhidas e as crianças já sabiam que tipo de atividades se iria fazer. Podiam surgir alterações, como por exemplo, se houvesse alguma visita ao exterior, ou se estivesse bom tempo que desse para as crianças virem para o recreio. De contrário, havia atividades como contar história ou trabalhos de expressão plástica, entre outros que se podiam repetir, isto é só uma forma de as crianças também se organizarem e terem uma rotina. As atividades da agenda semanal do jardim-de-infância de Ferreiros eram assim distribuídas: às segundas-feiras da parte de manhã é dia de contar história e à tarde dramatização; às terças há atividade de matemática e expressão plástica; às quartas, expressão motora e projeto ou exploração; às quintas, correspondência e às sextas, culinária e filme.

- **QUADRO DE FREQUÊNCIA DE ESPAÇOS**

Este quadro servia sempre que cada criança se direciona-se para um determinado espaço e o marque antes. Tendo duas colunas uma na vertical, com os espaços existentes na sala, e outro na horizontal, com o nome de cada criança. Assim, com a ajuda da educadora ou estagiária, antes de irem para um espaço iam lá marcar, avaliando assim qual o espaço a que essa criança tinha preferência. Ao mesmo tempo e de acordo com a vontade da criança tentando fazer ver á criança que havia mais espaços e mostrando-lhe que também os devia experimentar.

Assim era mais fácil para a educadora fazer a avaliação de cada criança.

2.2. A INTEGRAÇÃO NO CONTEXTO DO ESTÁGIO: A PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO/INTERVENÇÃO

O estágio é um processo que nos possibilita adquirir aprendizagens sobre o conhecimento prático das funções profissionais.

Numa primeira fase foi apenas de observação, questionamento de dúvidas, conhecimento das instalações do jardim-de-infância, recolha de documentação sobre o grupo de crianças e o seu funcionamento.

De seguida procedemos ao levantamento das dificuldades e necessidades de cada criança pertencente ao grupo de trabalho. Para efeito recorremos a conversas informais com a educadora cooperante, com as próprias crianças e com os familiares.

Pudemos assim perceber que as crianças do pré-escolar têm de ser motivadas para a aprendizagem.

Numa segunda parte, com o apoio da educadora cooperante, começamos a ser nós a desenvolver as atividades com o grupo.

Inicialmente trabalhamos com pequenos grupos, os grupos eram divididos pela idade maior e menor. Assim as atividades eram realizadas de acordo com as necessidades das crianças. Mais tarde as atividades eram feitas para o grande grupo, de acordo com as necessidades de cada criança.

No final foi feita a avaliação dos conhecimentos adquiridos. Para isso baseamo-nos na observação direta e participativa, conversas informais, registos das atividades, registos fotovideográficos e reuniões com a educadora. Esta avaliação tinha como objetivo verificar as necessidades de cada criança, reformular-nos a nossa prática pedagógica e adaptarmo-nos as necessidades referidas em cima.

2.3. CARATERIZAÇÃO DO GRUPO DE ESTÁGIO: DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES, MOTIVAÇÕES E EXPETATIVAS

No jardim-de-infância de Ferreiros, o grupo influencia de forma significativa a interação social e as relações entre adultos e crianças e crianças entre crianças.

Os fatores que influenciam o funcionamento do grupo são, as características de cada criança, heterogeneidade quanto ao sexo e à idade.

A caracterização do grupo foi feita segundo dados recolhidos na ficha de inscrição de cada criança, pelas observações efetuadas e pelas informações fornecidas pela educadora.

É um grupo heterogéneo, constituído por 24 crianças, das quais 12 são raparigas e 12 são rapazes. É um grupo equilibrado, tendo o mesmo número de rapazes e raparigas.

No que concerne às idades podemos observar que é um grupo heterogéneo, uma vez que é composto por 15 crianças com idade de 5 anos; 3 crianças com idade de 4 anos; e por fim, 6 crianças com idade de 3 anos.

No que diz respeito ao número de irmãos que cada criança tem, podemos verificar que a maioria tem um irmão ou nenhum. Torna-se importante falar acerca do número de irmãos porque em alguns casos existem diferenças entre as crianças que têm irmãos e as que não têm, é que as crianças que não têm, por norma são crianças com mais dificuldade em conviver e em partilhar, enquanto as que tem irmãos, partilham muito mais e não têm problemas em conviver. Outro dos fatores que se considera importante são as habilitações literárias dos pais das crianças, através da sua análise poderemos perceber melhor o meio social e familiar em que cada criança se integra e, estar mais próximo das necessidades de cada uma. Verificamos, assim que, 8% dos pais das crianças passaram pela escolaridade mínima obrigatória, tendo 48% deles frequentados estabelecimentos de ensino superior.

As profissões exercidas pelo maior número de pais são as de professores e de médicos veterinários, seguida de enfermeiros, agentes da PSP e GNR, domésticos, empresários, bancários e assistentes técnicos.

Ainda podemos observar que grande parte das profissões exigem cursos superiores, ou pelo menos, formação específica, o que nos leva a concluir que este grupo de crianças é formado maioritariamente por indivíduos das classes médias e médias altas.

No que diz respeito à idade dos pais, podemos dizer, que se encontram na faixa etária entre os 30-40 anos.

Quanto a localização geográfica das habitações das crianças, podemos dizer que se encontra equilibrado uma vez que metade das crianças reside na própria zona de incidência do estabelecimento, que é um meio rural. A outra metade reside na cidade de Vila Real (Centro).

O grupo acolheu 10 novos elementos, este ano letivo, pelo que as crianças tiveram de se integrar e conhecer os modos de funcionamento e as rotinas desta mesma sala. Dos quais 6 foram para o jardim pela primeira vez.

DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES, MOTIVAÇÕES E EXPETATIVAS

Cada criança apresenta necessidades de aprendizagem específicas tendo em conta o nível de desenvolvimento em que se encontra. Os grupos heterogéneos requerem estratégias de trabalho diferentes, pois as atividades devem ser pensadas de modo a que todas as crianças possam participar. No entanto, a interação entre crianças de idades diferentes e com saberes diversos, é facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem. Por outro lado, mesmo nos grupos

homogêneos em termos de idade, as crianças nunca se encontram no mesmo nível de desenvolvimento, requerendo uma atenção especial e individualizada em qualquer circunstância. No que se refere às características gerais do grupo, podemos afirmar, com base nas observações feitas no 1º período de integração/observação, que é um grupo agitado e que existem algumas crianças que facilmente perturbam o ambiente, devido aos seus traços de personalidade. Neste primeiro momento foi notória a dificuldade de certas crianças de estar em grupo e conviver de forma calma. Existe uma criança na sala que necessita de cuidados educativos especiais, pois não consegue ser autônoma devido ao problema que tem. Necessita assim de uma professora de educação especial e de uma tarefa só para ela.

Este grupo de crianças é bastante ativo e dinâmico, uma vez que quase todas as crianças, participam com empenho, entusiasmo e alegria em todas as atividades propostas pela Educadora/Estagiária, quer dentro da sala quer no recreio. É nas atividades livres (pintura, desenho, brincadeiras ao “faz de conta”, entre outras atividades), que a criatividade destas crianças se manifesta. Na sua maioria estão atentos ao que a Educadora/Estagiária referem, por vezes, nas reuniões de grande grupo, quando o assunto se prolonga mais um pouco, as crianças mais pequenas começam a ficar saturadas acabando por ficar um pouco mais irrequietas, o que é normal nestas idades. O grupo dos mais velhos, nomeadamente, possui uma grande capacidade de memorização bem como um enorme interesse em conhecer novos vocábulos e adquirir diferentes conhecimentos.

A formação de pequenos grupos é mais acentuada durante as atividades livres, devido à preferência das crianças por determinados espaços ou atividades. Estas crianças possuem grande capacidade de relação entre elas, pois partilham todo o material, espaço e mobiliário existente, mas por vezes esta partilha gera pequenos conflitos entre eles. Este aspeto da partilha, é mais difícil nas crianças dos três anos, pois é uma idade em que estas são um pouco egocêntricas e sentem muita dificuldade em dividir o material que estão a utilizar. Sendo por vezes necessário a intervenção de um adulto.

Algumas crianças do grupo já são autónomas em algumas atividades, como o almoço, vestir e despir a bata, higiene pessoal e em algumas brincadeiras, contudo, nomeadamente as mais pequenas, mostram alguma dependência, solicitando a ajuda da Educadora/Estagiária e das Auxiliares.

No seu dia-a-dia, algumas crianças têm facilidade em dialogar com as outras e com os adultos existentes na sala, porém existem outras que devido à sua timidez não o conseguem fazer. Há casos em que (na reunião de grande grupo), ao serem confrontadas para falarem acerca de alguma coisa, simplesmente não o fazem, devido á timidez que sentem em falar em grande

grupo. Mas o certo é que quando se encontram a trabalhar nos espaços, assim como no recreio, essas crianças não apresentam qualquer problema no diálogo com os colegas.

O grupo é notavelmente assíduo e quando faltam os encarregados de educação tentam avisar ou justificam-se quando a criança volta à escola. Nota-se uma preocupação por parte da família na assiduidade e participação da criança no Jardim. Apenas existem dois casos em que isso não se verifica, um é uma criança de cinco anos que desde que comecei o estágio ainda não a conheci, os pais estão a passar por um processo de divórcio, e a mãe não se encontra a morar em Vila Real, então a criança durante este tempo todo tem estado com a mãe em outra localidade. Visto, que uma vez, que não quer perder a vaga no jardim-de-infância o acordo com a educadora foi ir ao jardim pelo menos uma semana de cada mês, mas tal não tem acontecido. Um outro caso é também uma criança de cinco anos que apenas frequenta o jardim, maioritariamente, na parte de tarde.

Este é um grupo que demonstra uma grande autonomia, no que se refere a atividades de lavar as mãos, na arrumação dos materiais, (embora por vezes, seja necessário lembrá-los para tal), e nas idas à casa de banho; (todas as crianças conseguem fazê-lo sozinhas, à exceção das crianças de três anos). Sendo assim importante se torna trabalhar Área de Formação Pessoal e Social para que o grupo adquira e reforce os valores já existentes.

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO

Ao longo deste capítulo iremos falar sobre o papel da animação na construção de saberes da criança, a indisciplina no contexto educativo, a importância da relação instituição/família para o seu desenvolvimento e o papel do educador.

3.1 A RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DAS CRIANÇAS

Segundo as Orientações Curriculares Para o Pré-Escolar (1997a:43), “a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre dois sistemas.” Não é de admirar que nos dias de hoje, nas escolas fala-se bastante na relação entre a escola e as famílias das crianças que a frequentam, assim como na interação com a comunidade.

Durante muitos anos o envolvimento com a família era apenas teórico, apenas em 1976, com o Decreto – Lei n.º 769-A/76, que prevê a participação das famílias na vida escolar, através de um representante dos encarregados de educação. Mesmo assim os pais não podiam interagir na vida e no percurso escolar dos seus educandos.

Apenas em 1986, com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86 de 14 de Outubro) as famílias começaram a interagir na vida escolar dos filhos.

Segundo as Orientações Curriculares é necessário que haja uma comunicação com os pais /encarregados de educação na educação pré-escolar. É assim necessário que se compreenda as finalidades, funções e benefícios educativos na educação pré-escolar.

Neste sentido, o desenvolvimento da criança realiza-se na ajuda de um processo social e cultural entre a escola e a família, proporcionando experiências diferentes e enriquecedoras para o dia-a-dia da criança é que “à escola não cabe apenas ensinar os conhecimentos, aos pais não cabe apenas educar as atitudes e às crianças não cabe, por si só, desenvolver as capacidades. Cada ambiente educativo deverá possibilitar e cuidar de todos estes domínios, evitando, o mais possível, a discrepância de orientações” (Abreu, Sequeira & Escoval, 1990: 17). Porém e porque atualmente a organização familiar tem vindo a sofrer alterações, pois a maioria dos pais trabalha fora de casa, a família é constituída por poucos elementos e os avós normalmente ou moram longe ou então também ainda trabalham, a educação da criança fica resumida ao que aprende no jardim-de-infância. Há porém que ter em conta que,

As transições da família para o jardim-de-infância, ou deste para a escola, são momentos de grande importância, para todas as crianças. Os adultos deverão prepará-las e acompanhá-las, de modo que estas transições sejam feitas com segurança e com sucesso. (Abreu, Sequeira & Escoval, 1990: 21).

Por vezes a família também perde o seu papel como educador porque passam pouco tempo com a criança e o pouco tempo que passam com ela torna-se aborrecido se estiverem constantemente a repetir regras de comportamento e atitudes. É assim importante reforçar o desenvolvimento pessoal e social das crianças, e tal como refere Marques (2001:12),

(...) os pais são os primeiros educadores da criança e que, ao longo da sua escolaridade, continuam a ser os principais responsáveis pela sua educação e bem-estar. Os professores são parceiros insubstituíveis na assunção dessa responsabilidade. Como parceiros, devem unir esforços, partilhar objetivos e reconhecer a existência de um mesmo bem comum para os alunos.

A parte referencial das crianças são os pais, é neles que as crianças vêem o principal modelo comportamental, daí não faz sentido a escola assumir a responsabilidade sozinha na formação pessoal e social da criança. É necessário que haja uma colaboração entre a escola e os pais para que tanto na escola como em casa seja feita uma aprendizagem de sociabilização, descobertas de valores e partilhar de conhecimentos/saberes. Assim esta coligação entre as duas haverá a formação de melhores cidadãos no futuro.

De acordo com o grupo de crianças existente na sala, tenta-se que haja convívio e participação dos pais no meio escolar em que os seus filhos estão inseridos. Para que haja mais interação da parte dos pais realizam-se festas em datas/momentos fortes, nomeadamente no Natal, no dia do pai/mãe e no fim de ano, onde convivem os pais, as crianças e os elementos da instituição (educadores, assistentes operacionais, monitoras). No entanto não é só nas festas que os pais participam, quando é necessária ajudam em trabalhos que se estejam a desenvolver no jardim e por vezes até se prontificam a contribuir com todo o material. Alguns pais que têm mais tempo livre até se oferecem para ir ajudar.

3.2. O PAPEL DO EDUCADOR NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

Na nossa sociedade cada vez mais há mudanças, às quais os professores e educadores não podem ficar indiferentes. Necessitam, assim de se atualizar para poderem acompanhar a mudança, o que é fundamental para a formação das crianças e justifica o esforço que os educadores e professores fazem ao criarem a partir dos planos curriculares estratégias de ensino e ambientes favoráveis às crianças, que promovem as inter-relações, cativam a atenção e interesse dos alunos, conseguindo dessa forma com que se desenvolva a autonomia de cada um e se adquiram valores como o respeito, a solidariedade, a tolerância e a ajuda. É que tal como refere Cunha (2008: 67):

(...) através da organização dos recursos existentes , o educador/professor deve fazer com que o educando se implique, de forma crítica, no processo de reconstrução dos seus próprios pensamentos, sentimentos e padrões culturais, que adquira a capacidade para tomar decisões e assuma as responsabilidades delas decorrentes.

Cada criança é um ser único e diferente, por isso o educador/professor deve questionar-se, refletir sobre a melhor forma de chegar até ele. Sendo assim a função principal do educador/professor é ajudar e apoiar na pesquisa, na descoberta e possibilitar a construção de saberes. A sua função passa assim a ser a de orientador de trabalho e a de auxiliar e apoio nas descobertas feitas pelos alunos, para que os alunos se vão adaptando de saberes e aprendizagens. Para que isto aconteça é necessário que haja um ambiente de trabalho onde todos se possam compreender, ajudar e motivar na procura de saberes.

Uma boa relação entre educador/professor necessita que o educador/professor saiba distinguir e ver que os alunos são todos diferentes, que possuem ritmos de aprendizagens diferentes, e como tal têm que ser respeitados, e não podem exigir que os alunos aprendam todos ao mesmo tempo. Se respeitarem o tempo de cada aluno e o incentivarem na pesquisa de saberes, isso irá ajudá-lo na sua aprendizagem e no ultrapassar as suas dificuldades, levando a que se sinta muito mais motivado e com mais vontade de participar no processo educativo.

Assim sendo, ao criar uma relação de respeito, tolerância e cooperação o educador/professor está a ensinar valores aos seus educandos. Contudo, tal como refere Cunha (2008: 72):

Por vezes os educadores/professores procuram procedimentos e técnicas concretas para trabalhar as atitudes e valores, mas a maior parte deles necessita de orientação neste campo, uma vez que as temáticas fogem aos métodos e técnicas que habitualmente utilizam. A metodologia utilizada tem que ser diferente da utilizada no ensino das restantes disciplinas curriculares, porque a educação em valores apresenta características especiais que a distinguem de qualquer outro tipo de aprendizagem.

Cabe assim ao educador/professor o papel de educar, orientar, desenvolver a capacidade crítica e de critério para que sejam os educandos a tomar as suas próprias decisões, bem como o de tornar a escola num espaço de desenvolvimento pessoal, social, cultural, humanístico e cívico.

3.3. A INDISCIPLINA EM CONTEXTO EDUCATIVO

Cada vez mais a indisciplina vai crescendo mais tanto dentro como fora da sala de aula. Compreende-se assim, a necessidade de escola e de formação social, cultural e um ambiente familiar favorável para moldar os processos de crescimento dos jovens. Na falta destes processos vê-se por vezes o surgimento de delinquência, dependência de droga, indisciplina.

Estes problemas tanto podem perturbar a sala de aula, alterando o funcionamento da mesma, como dar origem a conflitos entre os próprios alunos ou mesmo por em causa a autoridade do educador/professor.

Para isso é necessário que o educador/professor tenha uma boa relação com os seus educandos, que inclua os alunos nas suas decisões, que fale sobre o que vão fazer, tem que saber ouvir a opinião de cada aluno. Além disto, tem que ser capaz de criar estratégias e atividades que cativem os seus alunos para a aprendizagem. Segundo Cunha (2008: 77) a função do educador/professor, deve ser:

(...) não somente ensinar, mas principalmente e sobretudo, tornar possível aprender, a capacidade do educador/professor de estar atento e conhecer as suas fragilidades e capacidades, e dá-lhe a oportunidade de delinear estratégias que possibilitem ser suficientemente eficaz e saber até onde pode ir a sua exigência em termos de comportamento com determinados alunos.

Por vezes o educador/professor adota estratégias de ensino que nem sempre são adequadas, como o ser autoritário, desconfiar dos seus alunos, agir de forma injusta para com eles, não dialogar ou criar aulas repetitivas e monótonas, que pode conduzir às situações de conflito referidas. Para evitar situações destas, na opinião de Cunha (2008: 78):

(...) torna-se importante que em casa escola, em cada sala de aula, se promova uma relação de respeito mútuo, se ouçam os educandos, compreendam e apoiem nos seus problemas, respeitem as suas opiniões, se crie um clima de à vontade, se esteja disponível para os escutar, se aceitem as suas críticas e se tente levá-los a gostar do educador/professor e de si próprios.

A problemática da indisciplina torna-se desgastante para quem tem que lidar com ela no seu dia-a-dia e exige com que haja uma mudança tática na forma de atuar do educador/professor. Algumas táticas utilizadas serão debates, as dramatizações são algumas das táticas que permitem aos mais novos poderem falar de si e do que gostam e não gostam e explicar os motivos que os levam a não trabalhar, apostando assim na formação de pessoas mais capazes e felizes.

3.4. O PAPEL DA ANIMAÇÃO EDUCATIVA NO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DAS CRIANÇAS

Muitas são as mudanças com que presentemente nos confrontamos, de entre as quais o rompimento de valores tradicionais e as diferentes formas de viver. Podemos mesmo dizer que a sociedade se está a transformar, na medida em que as pessoas cada vez mais só pensam no seu

próprio bem e em si próprias, trabalhando só para si e afastando-se cada vez mais do próximo. Segundo Beltrão e Nascimento (2000: 28):

(...) todas as vertentes (rapidez na mudança, crescente multiculturalidade e mobilidades sociais), aliadas à imprevisibilidade do futuro (...), colocam a Escola perante um enorme desafio, com certeza de que a qualidade da educação é a chave do sucesso.

Para preparar as novas gerações para o futuro é necessário a utilização de práticas educativas diversificadas, cada vez mais sofisticadas, que necessitam de ser precedidas de uma análise crítica para que revelem as suas potencialidades e fragilidades e dessa forma as instituições de ensino possam fazer as suas escolhas. Tal como refere Freitas e Freitas (2002: 16):

Aprender não é, apenas, um problema do indivíduo isolado mas depende das estruturas em que ele vive. Sendo a escola a instituição que, depois da família, maior responsabilidade detém na formação, a ela pertence como deve organizar-se no sentido de proporcionar à criança (...) as aprendizagens mais convenientes.

Cabe assim à família a iniciação do processo de desenvolvimento pessoal e social das crianças, pois é no meio da família que as crianças começam a formar valores e atitudes. Sabemos no entanto que o papel da família é fundamental mas não é único que transmite a formação necessária da criança. Este papel acaba também por ser desempenhado pelos amigos, meios de comunicação e escola.

No contexto escolar as estratégias utilizadas baseiam-se nos conhecimentos reais, que educam a criança para que esta adquira valores e promova competências. O objetivo é prepará-la para a vida. No entanto, como profere Cunha (2008: 84):

Uma educação que tenha por finalidade o desenvolvimento pessoal e social, tem que ter em linha de conta, que as capacidades, atitudes e técnicas, desenvolvem sobre um conteúdo e não no vazio e, forçosamente preocupar com os conteúdos e meios para atingir as metas que se propõe.

Para desempenhar o seu papel que a escola necessita contudo de formar educadores/professores que sejam capazes de conduzir este processo positivamente, porque educar na opinião de Cunha (2008: 83) “é, antes de mais, formar o homem na sua totalidade, para que seja capaz de promover um mundo mais civilizado (...), sem esquecer que educar é também respeitar as diferenças de cada um” e a escola não pode ser um local onde apenas se transmitam conhecimentos. Acrescenta ainda Martins (1991: 28) que:

Os direitos do homem, a tolerância, o respeito mútuo, a democracia, os valores éticos não podem ser realidades esquecidas numa concepção escolar orientada por uma visão aberta e humanista do mundo em que vivemos. A escola deve, pois, ser um lugar onde todos tenham o seu lugar (...)

Os pais são os principais intervenientes no processo de formação e aquisição de valores e atitudes por parte das crianças, porém

(...) o educador/professor tem de observar os educandos para os conhecer. Interessar-se pelos seus problemas, desejos, expectativas, capacidades, valores, ajudá-los a encontrar-se, pondo-os á vontade para perguntar, não fugindo ao dialogo e o que é mais importante, não lhe retirando a coragem de enfrentar o outro. Dar-lhe liberdade para aprender e ensina-los a prender (Cunha, 2008: 91).

Na procura de educação para os valores o educador/professor tem que adotar uma atitude de compreensão, companheirismo e aceitar cada aluno tal e qual como ele é, para lhe mostrar que no processo de aprendizagem ele é muito importante e respeitado e que por esse motivo tem que aprender a respeitar. Segundo Agustí (1993: 85), é esta “a tarefa de todos os agentes educativos, ou pelo menos de todos aqueles verdadeiramente interessados em educar para formar pessoas mais capazes, mais autónomas e mais felizes”.

O educador/professor deve assim adotar métodos e técnicas que motivem os alunos para as aprendizagens e deve recorrer sempre a diferentes estratégias e métodos. Pode assim utilizar a estratégia do diálogo, os jogos, debate, utilização de diferentes expressões (musical, plástica, dramática, motora), bem como outras técnicas adequadas para dar resposta às necessidades e problemas que surjam.

Atualmente o ponto mais relevante na educação é conseguir captar a atenção das crianças de maneira que seja possível desenvolver nelas educação e contribuir para o desenvolvimento da sua formação pessoal e social. Para isso é necessário que as crianças entendam tal como refere Menezes (1999), os “pilares do conhecimento”: aprendam a conhecer, a fazer, a viver em comum e a ser. Para Praia (1991) a educação para a formação pessoal e social pretende desenvolver a personalidade das crianças; promover a sua autonomia; a integração responsável das crianças em diversos grupos sociais; a interiorização de valores; formação da consciência cívica e a contribuição de uma convivência justa e solidária. E porque a animação é um dos métodos que mais consegue transformar a ação educativa e intervir na sociedade, pode neste âmbito ser considerada como um instrumento utilizado facilitador do acesso a determinados valores, conhecimentos, habilidades e estratégias consideradas importantes. Até porque é uma prática que se centra no desenvolvimento autónomo e independente dos indivíduos e através de diferentes práticas possibilita de forma lúdica desenvolver as crianças a nível social e pessoal.

De acordo com Cunha a animação oferece métodos, procedimentos e linguagens diferentes capazes de despertar a iniciativa e o envolvimento das crianças.

A animação pode, de igual forma, facilitar a determinados valores conhecimentos, habilidades e estratégias consideradas importantes para a maturação dos elementos de um grupo (...) pode por em comunicação os indivíduos e os grupos ajudando-os a desenvolver processos de crescimento e autonomia, que possibilitem a cada um construir, em liberdade, o seu próprio caminho (2008: 100)

Segundo López Noguero (2002: 386) as características das intervenções efetuadas através da animação sociocultural “mantêm preferencialmente um carácter educativo que procura a modificação de comportamentos e a aquisição de hábitos, a partir de ações dos próprios sujeitos e dos grupos onde se integram”. Isto acontece no dizer de Ventosa (1997) através de três modalidades básicas: a animação cultural, animação social e a animação educativa. Razões para que educar através da animação seja estar a contribuir para a formação da personalidade da criança, prepará-la para uma socialização ampla e formá-la para ser um membro ativo da sociedade, com espírito crítico capaz de se comprometer com o processo moral das estruturas e atitudes sociais (Camps, 1998). Por outro lado, educar através de animação educativa oferece ao educador/professor várias possibilidades e caminhos para as situações na sala de aula. O educador/professor estimula a vertente social das crianças através das atividades realizadas em grupo. O que vai originar a que as crianças interajam umas com as outras e atinjam os objetivos que as unem.

No âmbito da educação pré-escolar a animação educativa permite a organização de inúmeras atividades práticas que permitem desenvolver os valores da partilha e do respeito pelos outros. No âmbito da animação as atividades oferecidas no jardim infantil são nomeadamente jogos, exercícios de imaginação e dramatizações. A expressão dramática é um jogo que associado à animação educativa, permite explorar, desenvolver e trabalhar valores educativos, razão para que Cunha (2008: 42) defenda que ela é um “inestimável apoio num processo de desenvolvimento pessoal e social, na medida em que possibilita promover conhecimentos, desenvolver formas de ser e pensar, e mudar comportamentos”. O jogo por sua vez é uma fonte de lazer e de conhecimento e a necessidade de o realçarmos no processo educativo tem a ver com o facto de a brincadeira ser o processo mais importante para a criança, que espontaneamente é estimulada e cativada pelo jogo.

4. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO

Neste capítulo iremos abordar a metodologia que adotamos para realizar o presente trabalho; os objetivos da intervenção; os recursos que reunimos e as limitações que foram surgindo ao longo do processo.

4.1. OS OBJETIVOS DA INTERVENÇÃO

O objetivo ou fins que se querem atingir são assim efeitos de intervenção. Devem descrever uma contribuição separada e distinta do projeto a desenvolver, da organização, e não a combinação de um certo número de contribuições diferentes. Devem focar-se no resultado final a atingir e não nos meios para o alcançar. Devem destacar a ação que conduz ao resultado final e as atividades detalhadas necessárias para o atingir; devem ser explícitos quanto à natureza, à direção da alteração requerida, mas podem não conter qualquer calendarização específica ou meta em termos de resultado.

No presente caso os objetivos que nos movem são os seguintes:

Objetivo Geral:

- Formar pessoas mais capazes, autónomas e felizes.

Objetivos Específicos:

- Desenvolver competências;
- Possibilitar a construção de saberes reais, significativos e contextualizados;
- Despertar na criança a criatividade e a capacidade crítica;
- Disponibilizar à criança um crescimento equilibrado na companhia de outros.

4.2. RECURSOS MOBILIZADOS E LIMITAÇÕES DO PROCESSO

No decorrer do estágio realizamos atividades que nos ajudaram a desenvolver as capacidades e potencialidades das crianças. Cada de acordo, com os meios e recursos que dispúnhamos e com o espaço e o tempo que tínhamos, foram desenvolvidas outras atividades. As atividades neste sentido tiveram sempre atenção em responder as necessidades, ao desenvolvimento e a formação de cada criança, mediante a sua idade. Procurámos então desenvolver atividades onde as crianças pudessem manter-se ativas, tais como, observar, experimentar, brincar, dialogar. As atividades também eram diversificadas, maioritariamente para recorrer aos valores da animação na formação pessoal e social, para efeito e aperfeiçoamento da expressão dramática (fantoques, e dramatização), motora, plástica, musical conto de histórias, saídas fora da escola. Todas estas

atividades tinham como objetivo ajudar a criança a tornar-se num ser capaz e autónomo. Ao longo deste processo tivemos também algumas limitações dada a carga horária elevada que tínhamos, pois para além do estágio tivemos também unidades curriculares durante os dois semestres. Normalmente a seguir ao estágio tínhamos aulas, o que deixava muito pouco tempo para fazer a reunião semanal com a educadora. Além do estágio e de termos que preparar as coisas para o mesmo também tínhamos frequências e trabalhos quer individuais quer em grupo. Foi uma tarefa difícil mas não impossível de se concretizar.

5. DESCRIÇÃO, DISCUSSÃO E AVALIAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS REALIZADAS NO ÂMBITO DO ESTÁGIO

O trabalho realizado no Jardim-de-infância manifesta uma elevada importância e por isso é indispensável ter em conta que o trabalho feito com as crianças é realmente resultado de muitas aprendizagens. Sendo assim, a avaliação deve ser efetuada habitualmente e preferencialmente com a participação das crianças pois elas são uma fonte muito importante e, é fundamental não as colocar de parte. Bassedas, Huguet e Solé, afirmam que “a avaliação serve para valorizar o que acontece quando colocamos em prática o programa que planejamos previamente e para verificarmos se é preciso modificar ou não determinadas atuações” (1999: 173).

As crianças estavam habituadas a fazer avaliações principalmente dos Instrumentos de Gestão do Grupo, nomeadamente mapa das tarefas, e por isso já estão habituados a fazer este tipo de atividades, sendo que é um pouco mais difícil fazer a avaliação de um Projeto a longo prazo.

A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo uma base de avaliação para o Educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento (Ministério da Educação, 1997a: 27).

A avaliação é um instrumento de trabalho indispensável pois permite perceber se há aspetos que têm que ser melhorados ou modificados, tendo em conta as aprendizagens das crianças. É um processo que deve decorrer constantemente, tanto a avaliação feita pela Educadora como a que é feita pelas crianças.

No decurso do ano, Educadora vai fazendo avaliações, de forma a saber até que ponto as crianças têm evoluído ou não.

A avaliação realizada pelas crianças é uma atividade educativa, contribuindo também uma base de avaliação para o Educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança (Ministério da Educação, 1997a:26).

O Educador precisa de estar atento à sua própria avaliação, percebendo até que ponto o facto de uma criança não se estar a desenvolver bem ou apresentar problemas de comportamento indica que a metodologia utilizada, ou as atividades oferecidas ao grupo não são as adequadas. A avaliação será praticada para todas as atividades, quer nas livres ou orientadas, pois é essencial que as crianças tenham noção de que todas as atividades são valorizadas.

Todas as crianças têm uma capa própria onde guardam todos os trabalhos realizados, desta forma, a toda a hora podem ir ver a quantidade de produtos que têm realizado e se tem de melhorar em alguma área.

Nesta etapa, “a finalidade básica da avaliação é que sirva para intervir, para tomar decisões educativas, para observar a evolução e o progresso da criança e para planejar se é preciso intervir ou modificar determinadas situações, relações ou atividades na aula” (Bassedas, Huguet & Sole, 1999: 173). A avaliação com as crianças será feita através de registos, e também através de diálogo, sobretudo em reuniões de grande grupo. Desta forma, será realizada através da análise e de anotações individuais (registos escritos).

A nossa avaliação foi feita semanalmente nas reuniões com a Educadora, em que se faz um breve resumo da semana e uma avaliação desta. Depois semanalmente faz-se uma avaliação da planificação, e das atividades, as planificadas e não planificadas. Ao longo deste processo tínhamos como função e como tema do nosso projeto a animação na formação pessoal e pessoal, e em relação a esse tema foram feitas algumas atividades que iam ao encontro do nosso tema.

Algumas dessas atividades além de irem de encontro ao tema do nosso projeto também eram importantes para a formação pessoal de cada criança enquanto ser humano, aliás a formação pessoal é um objetivo geral na educação pré-escolar. Algumas das atividades desenvolvidas foram: o teatro de fantoches, modernizados/alterados com materiais de desperdício, sobre a história do “Capuchinho Vermelho Moderno”, alertando as crianças sobre os problemas da poluição e o que esta pode fazer ao nosso planeta; ação de formação feita pelos senhores agentes da polícia, pertencente à “Escola Segura”, alertar as crianças sobre a maneira como devem andar dentro dos carros quando são transportados para a escola/outros locais e os perigos do mesmo caso não se comportem e respeitem as regras; ação de formação sobre os lobos, alunos da UTAD, que fazem parte da NEPA (Núcleo de Estudantes de Proteção dos Animais), que alertaram as crianças para a extinção dos lobos e os benefícios que o lobo traz à sociedade; ação de formação sobre armadilhas, dada pelos senhores agentes da G.N.R, que trabalham na parte de recolha de animais feridos e que explicaram as crianças algumas das armadilhas que os homens/caçadores colocam para caçar certos animais, e alertaram e explicaram o porquê de fazerem mal aos animais; visita/receção à Escola das Árvores, onde as crianças foram conhecer os eco-amigos de outra escola, nesse mesmo dia também houve a libertação de um ouriço-cacheiro que foi devolvido à natureza de acordo com a parceria de médico pertencente ao hospital veterinário da UTAD.

6. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS REALIZADAS

Para me ajudar a fazer a avaliação das aprendizagens foi necessário durante o ano letivo fazer o Projeto Curricular de Grupo, que foi elaborado, com o objetivo de planejar, o que se iria realizar, durante o período de estágio, de acordo com as necessidades e características do grupo de vinte e quatro crianças.

Antes de iniciarmos, o trabalho com um grupo de crianças é necessário conhecê-lo para saber quais as suas necessidades. Assim foi importante fazer uma breve descrição do meio que estão inseridas, o que existe, que tipo de sociedade, o que podemos visitar, e acessos. Fiz também um levantamento sobre a Instituição, as condições, funcionamento, e o que lá existe. A caracterização do grupo, a caracterização familiar, dificuldades, também foi necessária.

Em seguida fizemos referência às áreas de conteúdo, de acordo com as Orientações Curriculares, e estabelecemos os Objetivos Gerais que iriam alcançar-se com essas atividades.

Os objetivos previstos foram os seguintes:

- Desenvolver a autonomia;
- Respeitar o meio ambiente/natureza;
- Desenvolver comportamentos e atitudes corretas;
- Desenvolver a responsabilização;
- Desenvolver a motricidade fina;
- Desenvolver a motricidade grossa;
- Desenvolver conceitos geométricos;
- Desenvolver o código escrito;
- Desenvolver o vocabulário;
- Desenvolver a comunicação verbal;

Relativamente à autonomia, foi desenvolvida nas atividades de rotina, nomeadamente, nas idas à casa de banho, no final do meu estágio as crianças mais velhas já conseguiam fazer a higiene pessoal sem ajuda do adulto; vestir e despir batas, no início do meu estágio as crianças mostravam dificuldades em vestir/despir sozinhos, no final quase todas as crianças as queriam despir/vestir sem ajuda.

Quanto ao respeito pelo ambiente/natureza foi trabalhado nas atividades: visita à Resinorte, que é um tratamento de resíduos. Na visita à exposição dos morcegos, o engenheiro falou da importância dos morcegos na natureza. Na ação de prevenção em que a NEPA se dirigiu ao Jardim de Infância de Ferreiros e falou da prevenção e cuidados com os lobos, para que não se torne num animal em vias de extinção. Por vezes íamos visitar o bosque que temos ao lado da

escola, e íamos explorar os recursos que a natureza nos oferece. Ao mesmo tempo aproveitávamos para falar da reciclagem e ver se havia lixo no chão do bosque.

No que diz respeito ao comportamento das crianças, foi desenvolvido, nas conversas de grupo, nas atividades de rotina, atividades orientadas e livres.

A responsabilização foi desenvolvida nas atividades: quadro de tarefas, marcação de presenças, arrumo de material depois de frequentado e das respetivas áreas.

Quanto à motricidade fina, foi trabalhada nas atividades: pintura, desenhos, ilustração/decoração de trabalhos, recortes, picotar. Por sua vez a motricidade grossa, trabalhou-se nas sessões motoras, nas atividades livres e orientadas nomeadamente no recreio.

As figuras geométricas abordaram-se nas atividades: Jogo de figuras geométricas, desenho sobre figuras geométricas.

Em relação, desenvolvimento do vocabulário e do código escrito, trabalharam-se nas atividades: atividades livre, nomeadamente, cópia de palavras à máquina representado com o respetivo desenho, através da placa dos nomes reconhecerem algumas letras.

A comunicação verbal foi desenvolvida nas conversas de grupo, avaliação do quadro de tarefas, entre outras.

Também descrevi a organização e gestão dos espaços e materiais. Depois da observação do material existente nas diversas áreas, propôs-me a fazer alterações no cantinho das Ciências. Onde introduzi novas experiências, tais como: “pega-monstro”, “se o ovo flutua” e “qual o ovo cru ou cozido”, “ver se as flores pintam”, que foram feitas por mim para o grande grupo e que depois cada criança poderia fazer, de acordo com o espaço escolhido, nas atividades livre. As experiências também permitiram às crianças conhecer novos conceitos dar oportunidade às crianças de manipularem com diferentes objetos, assim como o material utilizado nas experiências.

Para as diferentes Áreas de Conteúdo, previamente formularam-se objetivos e as respetivas atividades/estratégias. Para a Formação Pessoal e Social os objetivos gerais foram os seguintes:

- Desenvolver a responsabilidade;
- Desenvolver a capacidade de partilha;
- Desenvolver a autonomia;
- Desenvolver o espírito crítico;
- Desenvolver atitudes e comportamentos corretos;
- Respeitar as regras estabelecidas;
- Respeitar a si próprio e os outros;
- Criar hábitos de higiene.

- Desenvolver a atenção e a concentração;
- Utilizar corretamente os utensílios das refeições;

Em todas as atividades desenvolvidas dentro do Jardim, estavam envolvidos objetivos, de Formação Pessoal e Social, nas atividades: marcação de presenças, responsável por uma determinada tarefa, lanche da manhã e almoço, idas à casa de banho/higiene pessoal, despir/vestir batas desenvolvimento da autonomia e da responsabilização. As conversas de grupo, nomeadamente, a avaliação do quadro de tarefas ajudaram a desenvolver o espírito crítico. Nas atividades orientadas, rotina e livres, as crianças aprenderam a respeitar as regras estabelecidas, a respeitar os outros, a desenvolver atitudes e comportamentos corretos, a atenção e concentração.

Os objetivos gerais previstos para o Conhecimento do Mundo foram os seguintes:

- Desenvolver a manipulação de diferentes objetos;
- Conhecer novos conceitos;
- Conhecer o diverso material utilizado nas experiências;
- Reconhecer a importâncias das várias datas das festividades;
- Ter contacto com o exterior;

Fizemos algumas visitas de estudo, tais como: visita à Sede do Parque Natural do Alvão (morcegos e as árvores de natal); à fábrica de tratamento de resíduos, Resinorte; ao agrupamento Diogo Cão, para vermos a exposição das atividades feitas pelas escolas pertencentes ao mesmo agrupamento, deram oportunidades às crianças em terem contacto com o exterior.

As abordagens, pelos temas da “Prevenção Rodoviária”, “Água”, mostraram-lhes a importância destas na sociedade.

Passando para a expressão e comunicação: Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, os objetivos gerais previstos foram:

- Desenvolver a linguagem oral;
- Desenvolver o vocabulário;
- Desenvolver o gosto pela leitura;
- Valorizar os livros;
- Desenvolver o contacto com as diferentes funções do código escrito;
- Desenvolver a atenção;
- Desenvolver a capacidade de memorização;
- Desenvolver a escrita.

Nestes objetivos estão envolvidas atividades como: todas as segundas-feiras cada criança fazia um desenho respetivo relacionado com o fim-de-semana e contava as novidades do mesmo. Na avaliação do quadro de tarefas, feito todas as sextas feiras, desenvolvia-se a linguagem oral, os vocabulários. Apesar de avaliação do quadro de tarefas ser feito a um dia em que eu não me encontrava no jardim, por vezes quando não havia tempo passava para segunda-feira e então eu pode comprovar isso mesmo.

Contei diversas histórias através de livros, PowerPoint e dramatização de fantoches, que inclusive, essa mesma dramatização de fantoches serviu para que as próprias crianças fizessem a dramatização da história “O capuchinho vermelho moderno”, faziam o reconto das histórias contadas e algumas, o registo. Nestas atividades permitiram o desenvolvimento, da linguagem oral, expressão através do desenho, do vocabulário, capacidade de memorização, gosto pela leitura e o contacto com as diferentes funções do código escrito.

Os objetivos gerais previstos para a Expressão e Comunicação: Domínios da Matemática foram os seguintes:

- Desenvolver raciocínio lógico-matemático;
- Desenvolver noções matemáticas;
- Desenvolver o conceito de número.

No final de cada mês fazia-se a avaliação do mapa de presenças no qual as crianças faziam corretamente as contagens das presenças e das faltas dadas nesse mesmo mês, e do tempo meteorológico e o seu registo. Abordámos as figuras geométricas, através do “jogo de figuras geométricas”, e elaboraram um desenho sobre elas. Estas atividades desenvolveram o conceito de número e as noções matemáticas, nomeadamente, as figuras geométricas.

Relativamente à Expressão e Comunicação: Domínios da Expressão Motora, os objetivos previstos foram:

- Utilizar o corpo de forma diversificada;
- Desenvolver o esquema corporal;
- Desenvolver a motricidade global/fina;
- Desenvolver noções de lateralidade.

Todas as quartas feiras, foram realizadas sessões motoras, que eram iniciadas com o aquecimento, seguindo-se diversos jogos de expressão motora como: a “estátua”, o “joga da cadeirinha”, o “jogo do rato e do gato”, o “jogo do lencinho”, a coreografia da dança para a festa do “dia da mãe” “Mamma Mia”. Nestas atividades as crianças, utilizaram o corpo de forma variada, desenvolveu o esquema corporal, a motricidade global/fina e noções de lateralidade. Por

sua vez as atividades livres, nomeadamente no recreio e no faz de conta, contribuíram para estes objetivos.

Para a Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Dramática o objetivos previstos foram:

- Desenvolver a criatividade;
- Desenvolver a imaginação;
- Desenvolver a dramatização da vida quotidiana.

Todos os dias cada criança contava as elaborava um desenho livre. As crianças faziam também o registo das experiencias que realizamos, das histórias que lhes eram contadas/lidas, das visitas de estudos e produções de desenhos de vários temas abordados. Em vários trabalhos realizados fizeram colagens, ilustrações/decorações, produziram desenhos sobre diferentes temas, não esquecendo as atividades livres e de rotina que contribuíram para o desenvolvimento da motricidade fina, da imaginação e criatividade.

No âmbito da Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Musical os objetivos previstos foram:

- Desenvolver e promover a linguagem oral e gestual;
- Desenvolver a voz e canto;
- Aprender novos vocábulos;
- Desenvolver diversos movimentos com o corpo;

Todas as manhãs foi feito o acolhimento, durante o qual, as crianças cantavam a canção dos “bons-dias” fazendo gestos e no fim do ano na hora de arrumar ao fim do dia eles aprendem novas músicas através de um CD. Com estas atividades desenvolveram a voz/canto, diversos movimentos com o corpo e aprenderam novos vocábulos.

Abordámos a história “O Capuchinho Vermelho Moderno”, a qual foi dramatizada através de fantoches das personagens: do “capuchinho vermelho”, do “lobo bom” da “avozinha”. Nesta atividade as crianças desenvolveram a criatividade, a imaginação e a dramatização da vida quotidiana. As atividades livres, nomeadamente, na casinha, e o jogo “faz de conta” desenvolveram estes objetivos.

Os objetivos previstos para a Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Plástica foram os seguintes:

- Desenvolver a motricidade fina;
- Desenvolver a imaginação e criatividade;
- Conhecer os vários objetos referentes á expressão plástica;

- Manipular corretamente o diverso material.

Todos os dias cada criança contava e elaborava um desenho livre. Faziam também o registo das experiências que realizamos, das histórias que lhes eram contadas/lidas, das visitas de estudos e produções de desenhos de vários temas abordados. Em vários trabalhos realizados faziam colagens, ilustrações/decorações, produziram desenhos sobre diferentes temas, não esquecendo as atividades livre e de rotina. Todas estas contribuíram para o desenvolvimento da motricidade fina, da imaginação e criatividade.

No âmbito da Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Musical os objetivos previstos foram:

- Desenvolver e promover a linguagem oral e gestual;
- Desenvolver a voz e canto;
- Aprender novos vocábulos;
- Desenvolver diversos movimentos com o corpo;

Todas as manhãs era feito o acolhimento, durante o qual, as crianças cantavam a canção dos “bons-dias” fazendo gestos e agora no fim do ano na hora de arrumar ao fim do dia eles aprendem novas músicas através de um CD. Com estas atividades desenvolveram a voz/canto, diversos movimentos com o corpo e aprenderam novos vocábulos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente relatório encontramos um trabalho de investigação sobre a nossa prática educativa em contexto pré-escolar, sob o ponto de vista da pedagogia infantil; e também sobre a animação na formação pessoal e social.

É necessário notar que este estágio decorreu de Outubro de 2011 a Abril/Maio de 2012 no jardim-de-infância de Ferreiros – Vila Real, sendo um processo fundamental para nos encorajar nos desafios, que nos esperam futuramente como educadora de infância. Esta prática foi desafiante para adquirir novos conhecimentos pedagógicos acerca do meio que escolhemos trabalhar, permitindo avaliar as nossas próprias competências, para que possamos sair deste período de experimentação com mais segurança e capacidade de lecionar qualquer grupo de crianças.

De acordo com os aspetos observados, consideramos que o nosso período de estágio foi uma mais-valia para a segurança que hoje sentimos, pois o grupo com o qual trabalhámos testou-nos dia após dia, ajudou-nos a descobrir os nossos próprios conhecimentos e capacidades. Este desempenho baseia-se no valor do conhecimento que o educador deve ter, pois o trabalho docente obriga a ter um domínio científico, humanístico e tecnológico nas disciplinas da área curricular do ensino. Estes domínios são guias, que nos permitirão encontrar o caminho, quando nos sentirmos mais desviados deste. O nosso papel futuramente é muito importante, e certamente nos lembrarão do contributo teórico e prático recebido, que nos será muito útil. Contudo, considerar-nos-emos bons profissionais quando a estes contributos, juntarmos a capacidade pessoal de compreender, observar, ajudar e prestar atenção a cada pormenor e a cada gesto de cada criança, fazendo-a perceber que pode e deve expressar-se livremente.

Na idade pré-escolar, a criança encontra-se numa fase de construção da sua personalidade e valores e neste aspeto o educador tem uma grande importância, pois todo o seu apoio à criança se vem a refletir no seu processo de aprendizagem.

O jardim-de-infância é um espaço onde as crianças brincam em segurança, física e emocionalmente, um espaço onde as suas necessidades são atendidas, onde a criança se sente aceite, respeitada e um espaço rico e estimulante que tem como função despertar a curiosidade e o desejo de aprender e a sua capacidade de se tornar autónoma, livre e solidária.

Como instituição de educação e espaço de aprendizagem, o jardim-de-infância deve praticar uma ação clara e sistemática e as atividades desenvolvidas devem estimular o desenvolvimento intelectual, físico, emocional, social e cultural na criança. Este deve ser também um local onde se dá a oportunidade, às crianças, de questionar, explorar, investigar e descobrir, individualmente ou em grupo, sendo considerado um espaço de educação, mas também de preparação para a vida. Para que todo este processo seja possível, o educador é responsável pela

construção do projeto educativo, baseando-se num levantamento prévio do meio de cada criança e utilizando como fonte de informação os pais, uma vez que a estrutura deste projeto é acompanhada por todos os que estão envolvidos na educação da criança.

Sendo o educador um observador atento a todas as situações, tem percepção dos interesses e necessidades do grupo podendo planificar de acordo com estes e estipulando objetivos gerais e específicos que as crianças devem adquirir.

Com o intuito de preparar bem a criança para o futuro, torna-se relevante que cada educador siga as *Orientações Curriculares* e as explore, procurando sempre novos métodos e aprendizagens, pois estas constituem um conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática com as crianças, constituindo um indicador e não um programa a cumprir.

Um dos grandes princípios deste documento é que não há uma única maneira de ensinar, pois tudo depende das crianças e do contexto social em que estas se inserem. Assim, a adequação dos diferentes modelos curriculares depende de crianças, educadores e do contexto, daí que na profissão de educador não basta saber ensinar, mais do que isso é necessário saber educar, ajudar a descobrir a infância na sua plenitude, trabalhar com alegria, atitude e emoção, saber dar e receber, ensinar e aprender, ter momentos de partilha, e encontrar a felicidade e momentos de prazer na simplicidade de cada criança.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Isaura; SEQUEIRA, Ana Pires e ESCOVAL, Ana, (1990). “Ideias e Histórias – Contributos para uma Educação Participada”. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

AGUSTÍ, X.B (1993). “Reflexividad – impulsividade y autorregulación: sus aplicaciones en contextos educativos”. In Revista Educação, 1,85-102

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel (1999). “A avaliação e a observação. In Aprender e Ensinar na Educação Infantil”. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

BELTRAO, L. & NASCIMENTO, H. (2000). “O desafio da cidadania na escola”. Lisboa: Editorial Presença

CAMPS, V. (1998). “Los valores de la educación”. Madrid: Alauda.

CARDONA, Maria João (1992). “A Organização do espaço e do Tempo na Sala de Jardim de Infância”. In Cadernos de Educação de Infância nº24, Publicação Trimestral, Lisboa: APEI.

CRAIDY, Carmem & KAERCHER, Gládis E. (2001). “Educação Infantil: Pra que te quero?” Porto Alegre: Artmed.

CUNHA, Maria José (2008). “Animação, desenvolvimento pessoal e social, formação e práticas teatrais”. Chaves: Ousadias

FREITAS, L. V. & FREITAS, C. V (2002). “Aprendizagem cooperativa”. Porto: Asa.

LOBO, Miquelina Saraiva, (1998). “Uma conceção de espaço no Jardim de Infância”. In Cadernos de Educação de Infância n.º5, Publicação Trimestral, Lisboa: Edição APEI.

LÓPEZ NOGUERO, F. (2002). “La formación de animadores socioculturales. Una propuesta inovadora”. Huelva: Ágora.

MARQUES, Ramiro (2001). “Educar com os pais”. Lisboa: Editorial Presenças

MARTINS, Guilherme d’Oliveira (1991). “Escola de cidadãos”. Lisboa: Fragmentos

MENEZES, Isabel (1999). “Desenvolvimento psicológico na formação pessoal e social”. Porto: Asa

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997a), “Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar”, Ministério da Educação, Lisboa.

MINISTÉRIO da EDUCAÇÃO (1997b), Departamento da Educação, “Qualidade e projetos na Educação Pré-Escolar”. Núcleo de Educação Pré-Escolar, Ed. Do Ministério da Educação, Lisboa, 1997.

MINISTÉRIO da EDUCAÇÃO (1997), Departamento da Educação, “Legislação”. Núcleo de Educação Pré-Escolar, Ed. Do Ministério da Educação, Lisboa

OLIVEIRA FORMOSINHO, Júlia (org.). (2007). “Modelos Curriculares para a Educação de Infância”. Construindo uma práxis de Participação, 3ª edição atualizada. Porto: Porto Editora.

PRAIA, Maria (1991). “Desenvolvimento Pessoal e Social”. Rio Tinto: Asa

VENTOSA, V. J (1997). “Intervención socioeducativa”. Madrid: Editorial CCS.

ZABALZA, Miguel A., (1998). “Qualidade em Educação Infantil”. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

WEBGRAFIA

DIÁRIO DA REPÚBLICA - Lei n.º 5/97, de 10 de Fevereiro; (Consultado a 5 de Agosto de 2012 às 17.30h). Disponível em: <http://dre.pt/pdf1sdip/1997/02/034a00/06700673.PDF>)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Borbela>, (Consultado em 10 de Junho de 2012 às 14h)

Projeto Educativo do Agrupamento (de Escolas Diogo Cão) 2009, (Consultado em 8 de Agosto de 2012 às 22h). Disponível em: <http://www.diogocao.edu.pt/index.php/2011-11-02-00-35-16/2011-11-02-00-58-01>

MEIRELES Coelho (1989); RIBEIRO (1990); BAIRRÃO E VASCONCELOS (1997) (Consultado a 20 de Julho de 2012 às 23h). Disponível em: http://4pilares.zi-yu.com/?page_id=297

DIÁRIO DA REPÚBLICA - Lei n.º 5/97, de 10 de Fevereiro; (Consultado a 5 de Agosto de 2012 às 11h). Disponível em: <http://dre.pt/pdf1sdip/1997/02/034a00/06700673.PDF>)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Borbela>, (Consultado em 15 de Junho de 2012 às 18h)

Projeto Educativo do Agrupamento (de Escolas Diogo Cão) 2009, (Consultado em 9 de Agosto de 2012 às 17h). Disponível em: <http://www.diogocao.edu.pt/index.php/2011-11-02-00-35-16/2011-11-02-00-58-01>

Legislação

Lei n.º 5/97, de 10 de Fevereiro

Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro

Decreto-Lei n.º 769-A/76 de 23 de Outubro

APÊNDICES

APÊNDICE 1

ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS GERAIS	OBJETIVOS ESPECIFICOS	ATIVIDADE /ESTRATÉGIA	RECURSOS
→ Formação Pessoal e Social	→ Adquirir novos conhecimentos → Desenvolver atitudes e comportamentos corretos;	→ Ser capaz de estar atento; → Ser capaz de socializar;	→ Iremos à Escola das Árvores visitar os eco amigos. - Como a escola das Árvores teve obras e tem novas infraestruturas e é uma das eco escolas, e como tal mantemos correspondência, então fomos convidados para ir conhecer a escola e ver o trabalho que as crianças do pré-escolar daquela escola realizou em relação à história do “Elefante diferente”.	→ Humanos: - 24 crianças na sala de atividade; - estagiária; - educadora cooperante; - assistente operacional. → Físicos: - Escola das Árvores;

APÊNDICE 2

→ Formação Pessoal e Social	→ Adquirir novos conhecimentos → Desenvolver atitudes e comportamentos corretos;	→ Ser capaz de estar atento; → Ser capaz de adquirir novos conhecimentos;	→ Os senhores agentes da polícia da “Escola Segura” irão descolar-se á nossa escola para falar sobre segurança rodoviária. Irão explicar as crianças quais os cuidados que terão que ter quando se descolam de carro ou a pé. Que o uso do cinto é obrigatório e essencial.	→ Humanos: - 24 crianças na sala de atividade; - estagiária; - educadora cooperante; - assistente operacional. → Físicos: - sala de atividades; → Material: - agentes da PSP “Escola Segura”
------------------------------------	---	--	---	--

APÊNDICE 3

ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS GERAIS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ATIVIDADE /ESTRATÉGIA	RECURSOS
→ Formação Social e Pessoal; → Conhecimento do mundo; → Área de expressão e comunicação: Domínio da Linguagem Oral	→ Desenvolver a atenção e concentração; → Desenvolver a responsabilização; → Desenvolver a memorização; → Desenvolver a capacidade de comunicar; → Desenvolver a socialização; → Desenvolver a cognição;	→ Ser capaz de: - estar atento; - participar no diálogo; - memorizar; - comunicar com clareza; - associar às vivências, usos e costumes; - aprender o ritmo. → Saber - relacionar-se; - estar em grupo; - ser autônomo	→ Contar a história “O capuchinho vermelho moderno” em grande grupo; - Com os meninos sentados na manta, a história vai ser contada através de fantoches. Os fantoches estão vestidos com roupas modernas, pois a história é sobre a reciclagem. - Será apresentada uma música às crianças sobre a reciclagem. Os fantoches irão cantar a música e depois com o auxílio do leitor de cd’s as crianças aprenderão também a música. Irão ser feitas perguntas às crianças sobre a história → Fazer o desenho sobre as personagens da história contada na atividade da manhã.	→ Humanos: - 24 crianças na sala de atividade; - estagiária; - educadora cooperante; - assistente operacional; → Materiais: - fantoches e o biombo - Computador/leitor de Cd’s → Físicos: - sala de atividades → Humanos: - 24 crianças na sala de atividade;
→ Conhecimento do mundo;	→ Desenvolver a motricidade fina;	→ Ser capaz de: - desenhar as personagens da história contada.		

→ Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Plástica	→ Ir ao encontro dos interesses da criança; → Desenvolver as técnicas da expressão plástica.			- estagiária; - educadora cooperante; - assistente operacional. → Físicos: - sala de atividades; → Materiais: - folha de papel; - lápis de cor, marcadores e lápis de cera;
→ Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Dramática	→ Desenvolver as técnicas de Expressão Dramática; → Desenvolver e promover a criatividade.	→ Ser capaz: - recriar o texto e as personagens que lhes foram atribuídas;	→ Realização da dramatização da história “O capuchinho vermelho moderno”. Irá ser feita uma seleção, de acordo com as crianças que queiram participar na dramatização. Cada criança representará o seu papel com a devida caracterização, acessórios e roupas.	→ Humanos: - 24 crianças na sala de atividade; - estagiária; - educadora cooperante; - assistente operacional. → Físicos: - sala de atividades; → Materiais: - Roupas caracterizadas da história; - acessórios

APÊNDICE 4

ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS GERAIS	OBJETIVOS ESPECIFICOS	ATIVIDADE /ESTRATÉGIA	RECURSOS
→ Formação Pessoal e Social	→ Adquirir novos conhecimentos → Desenvolver atitudes e comportamentos corretos;	→ Ser capaz de estar atento; → Ser capaz de adquirir novos conhecimentos;	→ Ação de prevenção sobre os lobos – um grupo de alunos da UTAD, NEPA, irão deslocar-se ao Jardim de Infância de Ferreiros para alertarem as crianças sobre a importância dos lobos e para as sensibilizar.	→ Humanos: - 24 crianças na sala de atividade; - estagiária; - educadora cooperante; - assistente operacional. → Físicos: - sala de atividades